













15

OLGIATO,

TRAGEDIA EM CINCO ACTOS,

POR

D. J. G. de Magalhães,



RIO DE JANEIRO,

TYPOGRAPHIA IMPARCIAL DE F. PAULA BRITO.

—  
1841.

C-14

82/4

1870

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT



PHYSICS DEPARTMENT

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1870



OLGIATO.

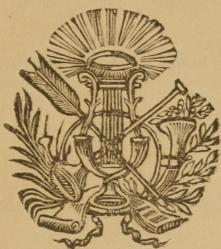


OLGIATO,

TRAGEDIA EM CINCO ACTOS,

POR

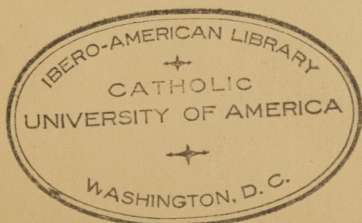
D. J. G. de Magalhaens.



RIO DE JANEIRO,

TYPOGRAPHIA IMPARCIAL DE F. PAULA BRITO.

—  
1844.



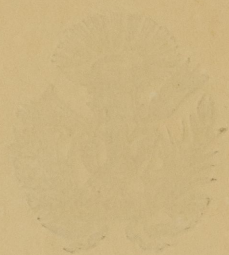
788K  
2769  
1841

OTRIDIO

COMPTON AND COMPANY

1841

W. & A. G. de Mello

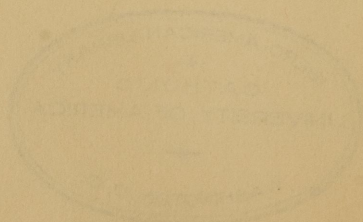


15189

THE GRANTING

REPUBLICAN LEAGUE OF THE STATE

1841



1880

A' MEMORIA

DE MEU RESPEITAVEL PAI

**PEDRO GONSALVES DE MAGALHAENS CHAVES,**

SUA ALMA SUBIO A DEOS

EM 12 DE OUTUBRO DE 1841,

VIVEO ENTRE OS HOMENS 86 ANNOS E 6 DIAS;

DEIXOU A SEUS FILHOS

EXEMPLOS EDIFICANTES

DE TODAS AS VIRTUDES CHRISTÃS.



## PROLOGO.

---

O argumento desta Tragedia é tirado da historia Milaneza; historicos são os personagens, os factos e exemplos citados, e alguns episodios proprios deste genero de Poemas.

Em 1476 gemia Milão debaixo do ferreo jugo do Duque Galeazzo Sforça, filho de Branca Visconti, e do celebre *Condottiere* Francisco Sforça, de quem diz Machiaveli (1) que a fim de poder viver como grande senhor em tempo de paz, não só enganou os Milanezes, que o tinham a seu soldo, como roubou-lhes a liberdade, e fez-se seu soberano.

No meio da geral corrupção, tres jovens gentis-homens, Geronimo Olgiato, Carlos Visconti e André Lamagnano, excitados pelos discursos de seu mestre Colas Montano, determinaram assassinar o Duque, libertar a patria, restituil-a á sua antiga forma de governo, e vingar ao mesmo tempo particulares offensas.

(1) Arte de guerra, liv. 1º.

Era Galeazzo em extremo cruel, immoral e devasso; e uma irmã de Olgiato tinha sido victima sua. Feio retrato delle nos faz Machiavelli na sua historia Florentina (1); igual se lê na das republicas Italianas de Sismonde de Sismondi; e ainda se pode ver este caso na resumida obra de Carlos Botta. Todos os historiadores e chronistas, entre estes Bernardo Corio secretario de Galeazzo, concordam em pintal-o com tão negras cores, que o collocam entre os frios monstros que a humanidade aviltam.

Conferindo os historiadores, tracei o plano desta obra, conformando-me o mais possivel com a verdade do acontecido, e só tomando a liberdade necessaria para o natural enredo dramatico. Evitei a presença do Duque por incompativel no meu plano; elle não faz parte da acção, apenas é um objecto externo a que ella se refere. E por que ja houve quem porisso amargamente me censurasse, como si de rigor devessem apparecer em scena todas as pessoas de que nella se trata, citarei a tragedia de Corneille (auctor bemquisto de classicos e romanticos) a qual tem por titulo—Pompeo—sem que nella tenha parte este horóe.

Si eu introduzisse Galeazzo em scena ver-me-hia forçado, para conformar-me ao gosto do tempo, a dar-lhe o

(1) Era Galeazzo libidinoso e crudele, delle quali due cose gli spessi esempiu l'avevano fatto odiosissimo; per-chè non solo non gli bastava corrompere le donne nobile, che prendeva ancora piacere di publicarle; nè era contento fare morire gli uomini, se com qualche modo crudele non gli ammazzava. Non viveva ancora senza infamia d'aver morto la madre, etc. Machiavelli, Li. VII. (1)



seu torpe e infame character, o que além de vexar o actor que o interpretasse, incommodaria os espectadores, e offenderia a moral publica, cousa de que tão pouco entre nós se cuida; será talvez nimio escrupulo de minha parte. Mas, que jogo de scena poderia haver com um tigre que ia direito ao crime, de que alardeava? Que linguagem e acções daria eu a um tyranno, que se não fartava de devassidão, em quanto não saboreava a desesperação dos pais e dos maridos, por elle convertidos em ministros, e testemunhas de sua propria deshonra? Tyranno tão vil que entregava aos soldados de sua guarda as moças nobres que profanava; que fazia enterrar vivas algumas de suas victimas; que a outras forçava a nutrir-se com fezes humanas, deixando-as assim morrer lentamente com este regimen, e misturando feroz zombaria ao supplicio que ordenara? Monstro, que repellio sua virtuosa Mãe, e causou-lhe a morte! Tal era o Duque Galeazzo Sforça! E quereriam os apaixonados da *realidade natural* vel-o assim em scena?

Não citarei Racine; ouçam o mestre, em cuja auctoridade se appoiam. Mr. Victor Hugo, (1) distinguindo a realidade segundo a arte, da realidade segundo a natureza, diz: «ha inconsequencia (*etourderie*) em confundil-as, como fazem alguns partidistas do *Romantismo* pouco adiantados. A verdade d'arte jamais poderá ser, como pertendem muitos, a realidade absoluta.» Ora si para o todo é assim, o mesmo deve ser para suas partes.

Permittam tambem que eu cite a auctoridade de um

(1) Prologo do *Cromwel*, Drama.

grande Pilosopho — «Posto que a arte seja livre (diz Mr. Cusin)» (1), não pode com tudo escolher outro fim que não seja a belleza moral; nos meios de exprimir é que está a liberdade da arte. Assim todo o artista que tomando em serio a natureza, contentar se em copiar-a fielmente, cairá da fileira de artista para a dos obreiros.»

Mas dirão ainda. — Podias modificar o character de Galeazzo, fazel-o melhor, para que, sem grande escandalo, entrasse no Drama. — Mas eu não pertendi compor um Drama, sim uma Tragedia (não sei si estaremos de accordo sobre as essenciaes differenças dos dous generos). E si me era permittido fazer um Galeazzo diverso do historico, um Galeazzo da minha fantasia e ideal, não poderei tambem deixal-o, quando de sua presença não necessito?

Supponham que estava Galeazzo enfermo em uma cama, ou em alguma quinta, quando na cidade occultamente tramaram a conspiração. A acção é completa e perfeitada, para que pois me fallam em Galeazzo?

Não posso de modo algum acostumar-me com os horrores da moderna escola; com essas monstruosidades de characteres preternaturaes, de paixões desenfreadas, e ignobeis, de amores licenciosos, de lingoagem requintada, á força de querer ser natural; em fim, com essa multidão de personagens e de aparatosos *coups de theatre*, como dizem os francezes, que estragam a arte, e o gosto, e convertem a scena em uma bacanal, em uma orgia da ima-

(1) Cours de Philosophie: sur le fundement des idées absolues du Vrai, du Beau et du Bien.

ginação, sem fim algum moral, antes em seu damno: vem a pello observar que por isso, e só por isso excluia Platão da sua republica os Poetas imitadores da má natureza, dando com tudo a entrada n'ella aos lyricos, que tecem hymnos em honra dos Deoses, e louvores aos grandes homens; (1) com igual fundamento declamou *J. J. Rousseau* contra o theatro, e oppoz-se á seu estabelecimento em Genebra. Madama de Staël, menos severa que os dous philosophos, diz com tudo. (2) Todos os affectos dos homens pensantes tendem a um fim razoavel; só merece verdadeira gloria o escriptor que faz servir as emoções a algumas das grandes verdades moraes.

Não fallemos mais nisto; e si Mr. V. Hugo (3) pertende que o Poeta deve *procurar, não o bello, sim o característico*, reduzindo desta arte a Poesia a um *Daguerrotypode* palavras, não faltará quem lhe responda, que o característico serve á Poesia, mas não a constitue, e que outra é sua missão. Vamos ao enredo.

Não me desgosta o emmaranhamento e complicação do enredo dramático, nem me desagrada a barafunda romantica; mas dou todo o devido apreço á simplicidade, energica e concisão das tragedias de Alfieri e de Corneille.

Tragedia e Drama cousas são differentes; cada qual pede sua critica especial, como a historia e a chronica,

(1) Republica de Platão. Livro x.

(2) De la litterature considerée dans ses reports avec les institutions sociales. Cap. v.

(3) Prologo do Cromwel.

o geral e o individual, a moralidade e o facto, o necessario e o contingente: não que se excluam os termos das antitheses, mas o predominio de uma destas cathogorias constitue as differenças das duas composições.

Posto seja mais difficil compor uma tragedia com assumpto simples e poucos enterlocutores, sobeja com tudo mais occasião ao Poeta para mostrar seu genio, condicção essencial de toda a obra de imaginação; então, na falta de complicação que fascina a attenção, e illude a curiosidade infantil, é mister para a belleza do Poema grandeza de caracteres, sublimidade de pensamentos, energia de estylo, pureza de linguagem, e movimento necessario; o que de certo tudo isto reclama mais genio, e verdadeiro entusiasmo. Verão os meus censores que longe de remover as difficuldades, com ellas luctei, e si não sigo em tudo os principios da moderna escola dramatica, não é por ignoral-os, senão porque nem todos me parecem acertados. Em conclusão, mostre genio o Poeta, não offenda a moral, empregue seu talento para despertar os nobres e bellos sentimentos d'alma, e escreva como quizer, que será estimado.

---

## ELOGIO,

POR OCCASIAÕ DA RESTAURAÇÃO E ABERTURA DO THEATRO DE  
S. PEDRO DE ALCANTARA, DO RIO DE JANEIRO, NO FAUSTOSO  
DIA 7 DE SETEMBRO DE 1839, ANNIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL; RECITADO PELA NOVA ACTRIZ MARIA  
DA GLORIA VIEIRA.

---

Adornado com pompa jámais vista.  
De novo se ergue o magestoso Alcáçar,  
Por doricas columnas sustentado.  
D'entre o pó, que o desleixo semeára,  
De novo as Artes florescentes surgem,  
Para saudar com jubilosos hymnos  
O Dia do Brasil, da Terra nossa.  
Salve, oh Dia da Patria!... Egregio Dia!  
Oh SETE DE SETEMBRO! Nunca o olvido  
Extinguir poderá tua memoria.

O echo da Voz Forte inda resða  
Nas ferteis margens do sereno Rio,  
Que a imagem reflectio, banhou os labios  
D'Aquelle que bradou: — INDEPENDENCIA!  
Inda resða a voz da Liberdade,  
E nunca deixará de ser ouvida.  
Qual se diz que de Orpheo a doce lyra

Homens, brutos, e pedras attrahia,  
 Assim, um Povo inteiro ao mago accento,  
 Os ferros sacudindo, alçou a fronte  
 E ao Mundo se ostentou unido — e livre.

Mas ah! e quem sou eu, timida joven,  
 Para agora prestar meu debil organ  
 A um canto digno de canoras aves  
 Mas affeitas á luz do ethereo campo?  
 Eu, que devêra só pedir indulto  
 Pelo primeiro vôo, mal seguro,  
 Venho orgulhosa recordar taes feitos,  
 Que n'alma embebem santo enthusiasmo!...  
 Ah! não importa... valha-me este Dia,  
 Valha-me o grande amor que aqui me arrasta,  
 E mais que tudo valha-me o MONARCHA,  
 Cujo Angelico Rosto me proteje,  
 Entre as DUAS ESTRELLAS que o ladêam.

E vós, Concidadãos, vós Bello Sexo!  
 A' vista das riquezas que vos cercam,  
 D'estas obras do Genio, das sublimes  
 Produçções do Pincel, (1) que vos dá gloria,  
 Desculpai este unico defeito,  
 Esta flor murcha n'um jardim viçoso.  
 Olhai, tudo é por vós, quanto aqui vedes!  
 Por vós deram-se as mãos homens briosos,  
 E off'recendo seus bens, suas fadigas,

(1) Allude á pintura do Theatro, dirigida e executada pelo Sr. M. de A. Porto Alegre.

Co' a protecção da Patria, restauraram  
Este Templo das Artes, onde as Musas  
Enfeitam a Moral co'os seus incantos.  
Franqueadas estão da Gloria as portas!  
Venham agora os predilectos filhos,  
Interpretes sublimes dos segredos  
Das humanas paixões; esses que o fogo  
Da santa inspiração não prostituem  
Ante o altar do vicio ou da lisonja,  
E, feis á missão por Deos imposta,  
Por entre os guinchos de agoureiras aves,  
Ovantes sobem da Memoria ao Templo;  
Venham elles agora, cubiçosos  
De ser no patrio ninho celebrados,  
Dar ao Brasil Corneilles e Racines.  
Não só das longes, europêas plagas  
Celebrem-se entre nós d'Arte os primores;  
Não se diga — que só a Natureza  
E' grande no Brasil, que é nada o Homem.  
A Patria por vós chama; — vinde, oh Vates!!  
Vinde, oh Genios, honrar a Terra nossa!!!  
Fuja a discordia e o odio; de nós fuja  
Essa inveja mordaz, que tudo estraga,  
Essa inveja que róe, não edifica;  
Essa inveja que impede, que se louve  
O Merito e a Virtude, e é qual verme  
Que corta o grelo da nascente planta,  
Que devêra brotar gostosos fructos.  
Ah! não vistes o Sol d'este aureo Dia?!...

Pois por elle, nós hoje vos pedimos  
Que não negueis á Patria o genio vosso.

MAGNANIMO SENHOR! Vida e Santelmo  
D'esta Náo que vacilla na tormenta!  
Oh Anjo Protector, nossa Esperança!  
Que futuro de gloria Vos aguarda!  
De Vós está pendente a nossa dita.  
Co' uma palavra Vossa, co'um sorriso  
Podeis dar ao Brasil o que os Pericles  
Deram á Grécia, os Médicis á Italia,  
E o Decimo Leão á sabia Roma.  
Erga-se e brilhe Vosso Augusto Nome  
Acima d'esses que apregòa a Fama.  
Regai, SENHOR, regai este terreno,  
Que o Ceo abençoou: — Não faltam flores  
Para esmalte do Vosso Excelso Trono,  
Só falta a protecção do Vosso Braço:  
Forçai que Vos proclame o Mundo inteiro  
— O SALVADOR DO IMPERIO BRASILEIRO.

---



OLGIATO.

**INTERLOCUTORES.**

OLGIATO .....	}	Nobres Milanezes.
CARLOS VISCONTI...		
LAMPUGNANO.....		
MONTANO.....		Professor publico.
ANGELINA.....		Irmã de Visconti,
SILVANIA.....		Aya de Angelina.

Estudantes, povo, tropa, etc.

A scena e em Milão em 1476.

---

Foi esta Tragedia representada pela primeira vez, na abertura do  
Theatro de S. Pedro d'Alcantara, no dia 7 de Setembro de 1859

# OLGIATO.

## ACTO PRIMEIRO.

Vista de sala em casa de Visconti, com janella no fundo para a rua.—Angelina assentada juncto de uma mesa com um livro na mão; Silvania em pé, em posição de quem ouve.

### SCENA I.

#### ANGELINA E SILVANIA.

##### ANGELINA.

Que versos tão sublimes !... Que energia  
Tem Dante nas pinturas horrorosas!  
Oh! e taõ grande genio foi proscripto,  
E em Ravena morreo longe da Patria!  
Com que nobreza vingam-se os poetas,  
E na propria vingança honram a terra,  
Que os vio nascer, e que lhes foi ingrata,  
Enchem de medo, e opprobrio os inimigos,  
E cingidos de louro á gloria sobem !  
Oh Dante! oh Dante! si existisses hoje  
Com que novos, terriveis episodios  
O teu inferno não se accumulára!

Muito amais esse livro!

ANGELINA.

Elle me encanta,  
 Não só pelas bellezas da poesia,  
 Como pelas liçoens que delle extráchio.  
 Si hoje houvesse um poeta como o Dante  
 Creio que eu o amaria, como nunca  
 Mulher amou.

SILVANIA.

Tão grande é o vosso affecto  
 Para os poetas!

ANGELINA.

Quanto, quanto invejo  
 De Beatriz a sorte! Oh venturosa  
 A mulher, que de um vate o peito inflamma,  
 E ufana dizer pode: — elle me adora;  
 Entre seus pensamentos elevados  
 Su'alma pensa em mim, por mim suspira.

SILVANIA.

Sim, de certo; até eu quando vos ouço  
 Ler esse livro, fico o auctor amando.

ANGELINA.

E quem pode deixar de amar o genio? (*ouve-se  
 um rumor do povo que corre na praça; e de-  
 pois tenidos de cadeias de presos encorrentados  
 que passam; Angelina levanta-se assustada*).

Mas que é isto, Silvania? Tu não ouves  
Hum rumor, que na praça se levanta?

SILVANIA.

Ouço, Senhora... e cada vez se augmenta!

ANGELINA.

Não ouves o tinido de cadeias,  
O tropel de cavallos, e a celeuma  
Do povo revoltado?

SILVANIA.

Si podemos

A' janella chegar, e n'um momento  
Saber o qu'isso é, por que estaremos  
Duvidosas aqui adivinhando?  
Eu vou ver. (*dando alguns passos para a janella*).

ANGELINA.

Não... espera.

SILVANIA.

Que receio

Sem causa alguma assim vos sobressalta?

ANGELINA.

Em Milão estou sempre temerosa.

SILVANIA.

Esse temor agora é sem motivo.

ANGELINA.

Tu não conheces bem esta cidade.

As sedições agora são frequentes  
Por toda a Italia.

SILVANIA.

Aqui não ha perigo.

Talvez esse motim seja da tropa,  
Que passa pela rua, e dos paisanos  
Que correm para vel-a... Eu já vos digo. (*abre  
a janella*)

ANGELINA.

Sempre estou triste, inquieta, e pensativa.

SILVANIA.

Vinde ver!.. vinde ver!..

ANGELINA.

O que?..

SILVANIA.

Depressa!..

Oh! coitados!..

ANGELINA.

Que susto me causaste!..

SILVANIA.

Quanta gente, Senhora, encorrentada!

ANGELINA.

Desgraçados! nem eu me animo a vel-os!

SILVANIA.

Olhai, Senhora, — até um pobre velho!..

ANGELINA.

Nenhuma idade aqui é respeitada.

SILVANIA.

Que crimes esses homens commetteram  
P'ra soffrer tal vexame?

ANGELINA.

Só Deos sabe

Si elles são criminosos. — As correntes,  
Que esses homens arrastram, deveriam  
Prender o tigre, que em Milão governa.

SILVANIA.

Senhora, que dizeis?

ANGELINA.

Digo o que penso,

E o que devia ser.

SILVANIA.

Que mal tão grande

O Duque vos causou?

ANGELINA.

Tu não conheces

Esse Duque, esse monstro abominavel.

Não vês como a cidade está deserta?

Como reina o terror na Lombardia?

Em Milão ninguém vive satisfeito.

O Duque cada dia se assignala

Por um crime que avilta a humanidade.  
 Não causam mais terror a peste e a guerra.  
 Não viste agora mesmo tantos homens  
 Cobertos de cadeias, macerados,  
 E expostos á irrisão do baixo povo,  
 Que só pode folgar com taes horrores ?

SILVANIA.

Ahi vem vøssø irmão.

ANGELINA.

Sai da janella.

SCENA II.

ANGELINA, VISCONTI, E SILVANIA.

ANGELINA.

Visconti, o que ha de novo ?... Não respondes !

VISCONTI (*afflicto*).

Minha irmã!... Não hei dito tantas vezes  
 Que á janella não chegues? — Tu procuras  
 Tua propria deshonna, e a de teu mano!  
 Não te lembrás que o infame Galeazzo  
 No crime infatigavel, tem espias  
 Per toda a parte, — e que não poupa a virgem  
 Nem a esposa mais casta! — E si o destino  
 Permittir que elle saiba que aqui moras  
 Serás logo marcada em sua mente  
 P'rá saciar-lhe o ardor do vicio infando!



Sempre pensei que a voz da propria honra  
Te fizesse cumprir os meus dictames,  
E que mister não fôra renovar-te  
Preceitos, que aprazer-te deveriam.

ANGELINA.

Caro irmão, não presumas que meu peito,  
Menos que o teu a honra estima, e guarda.

VISCONTI.

Então, p'ra que te expões?

ANGELINA.

Eu não me exponho:

Sei guardar-me melhor do que me guardas:  
Essas exprobações eu não mereço;  
Nem preciso que o irmão de pai me sirva.

VISCONTI.

Assim é que tu pagas meus cuidados!  
O que fôra de ti sem o soccorro  
De um braço varonil, que defendesse  
A natural fraqueza de teu sexo?

ANGELINA.

Teu braço varonil nunca servio-me.

VISCONTI.

Minha irmã!.. tal discurso...

ANGELINA.

Não te offronta.

VISCONTI.

Não me offronta!.. Angelina!.. Que proferes?  
Que dizes tu?

ANGELINA.

O mesmo que tu sabes.

VISCONTI.

Cuidas que eu posso ouvir-te á sangue frio? (*Fazendo um accionado de colera para Angelina*).

ANGELINA (*com ironia*).

Agora sim, te eu vejo cavalleiro!..  
Desembainha a espada, não recues.

VISCONTI.

Angelina!.. Angelina!.. Não me insultes...  
Que significa então essa ironia?

ANGELINA.

Que significa?.. Queres qu'eu te ensine  
Quaes os deveres são, que cumprir deves?  
Montano que t'os diga, elle é teu mestre,  
Não eu fraca mulher, a ti sugeita.

VISCONTI.

Angelina, eu não sei porque motivo  
Tratas o teu irmão com tal desprezo?  
No que me podes censurar?.. Que faltas  
Commetti, sem qu'eu saiba, em meus deveres?...

Deixei já de velar em tua guarda?  
Ou sou algum domestico tyranno?

SILVANIA. (*entrando*).

O senhor Olgiato...

ANGELINA.

Adeos; eu me retiro

Fallaremos depois com mais socego. (*Retiram-se  
Angelina e Silvania*).

VISCONTI.

Não posso adivinhar seu pensamento.

SCENA III.

VISCONTI, E OLGIATO (*entrando*).

OLGIATO.

Amigo!

VISCONTI.

Já tardavas.

OLGIATO.

Tu bem sabes

Que estive com Montano, nosso Mestre,  
E em sua companhia as horas voam.

VISCONTI.

Hontem com elle estive, e si não fosse  
Minha irmã, cuja honra zelar devo,  
Com elle inda estivera.

OLGIATO.

OLGIATO.

Meu Visconti

Tu não sabes o quanto hoje perdeste!  
 Nunca Montano esteve tão sublime.  
 Que eloquencia de fogo, que vehemencia,  
 As palavras nos labios lhe ferviam!  
 Não parecia um velho; — o mesmo accento  
 Mais sonoro encantara, — era um Propheta!  
 Não ha outro Montano neste tempo!

VISCONTI.

Que me dizes, amigo?

OLGIATO.

E tu perdeste!

E tu perdeste!... Que pezar eu tive.

VISCONTI.

Mas sobre que versou hoje o discurso?

OLGIATO.

Sobre o estado actual da nossa patria,  
 Sobre este estado horrivel, lamentavel  
 Que ás almas generosas envergonha.

VISCONTI.

Sim?...

OLGIATO.

Depois de ter feito um breve quadro  
 Das fórmãs de governo, e das virtudes  
 Que, por assim dizer, as constituem,

Montano nos pintou a flicidade  
Dos povos livres, onde as leis só reinam,  
Onde não ha senhor, nem ha vassallo,  
Nem causas pessoaes, por que se lucte ;  
Mas cada qual sujeito por vontade  
Antepõe a justiça ao interesse,  
E alegre sacrifica-se ao bem publico.  
Depois o seu dizer documentando  
C'os exemplos que a historia ampla recorda,  
Elevou-nos a mente a esses tempos  
Da Grega, e da Romana liberdade.  
Mostrou-nos como Esparta, como Athenas  
Guiadas por heróes, por homens livres  
Com pouca gente combatter sabiam  
Numerosos exercitos de escravos.  
Lembrou-nos os Liônidas, os Phocios,  
Aristhides, Melciades, Pericles,  
E outros muitos heróes que o mundo espantam ,  
Cujos rivaes só foram homens livres,  
Filhos de Roma, dessa patria augusta  
Dos Brutos, Scipiões, Catões, e Cassios.  
Mostrou-nos como as artes floreceram,  
Sem outro apoio mais que a liberdade ;  
Como a Philosophia leis dictava,  
Sem medo dos tyrannos oppressores:  
E citou-nos mil nomes de poetas,  
De artistas, de philosophos, de sabios

Que honram a humanidade, e gloria deram  
 A esse curto espaço de terreno,  
 Cuja lembrança os despotas aterra,  
 Envergonha os escravos, e proclama  
 Em alto brado a força do homem livre.  
 Depois mostrou-nos como extincta a fonte  
 Que alimintava o tronco das virtudes,  
 Tudo murchou, morreo, caíu a um tempo  
 Artes, lettras, sciencia, força, e gloria.

## VISCONTI.

Eis porque os tyrannos não consentem  
 O exercicio livre da palavra,  
 Que tanto imperio tem sobre alma humana,  
 Por um sabio orador bem dirigida.

## OLGIATO.

A palavra é o dom mais precioso  
 Da humana essencia: o laço que nos une,  
 E nos levanta a Deos, que nos fez livre;  
 A palavra é a voz da intelligencia,  
 Celeste influxo de um Poder Divino,  
 Que nos extrema deste lodo inerte.  
 A palavra é de Deos; — e nós devemos  
 D'ella usar sem temor, e com franqueza  
 P'ra sustentar os nossos sacros fóros.  
 Si a palavra os tyrannos amedronta,  
 E' porque da verdade organ terrivel

Seus excessos condemna, e ensina aos povos  
 A vingar seus direitos conculcados.  
 Desgraçado do povo onde a palavra  
 Morre co'a intelligencia, de que é filha!

VISCONTI.

De que serve a palavra ao povo escravo,  
 Que da gloria não cura, embrutecido  
 Co'as vexações de um perfido tyranno?

OLGIATO.

Si as lições de Montano ouvisse o povo,  
 Galeazzo hoje mesmo não vivêra,  
 Ou teria o caminho arripiado

VISCONTI.

Não ouve o povo de Montano as vozes;  
 Mas nós o que fazemos? — nós, que o ouvimos?...

OLGIATO.

Nós?... Nós o que fazemos?... Sim, é justa  
 Essa pergunta, que me faz de pejo  
 Corar as faces, e tremer de raiva.  
 O que fazemos nós, que mais que todos,  
 Lamentamos do povo a cobardia?  
 Nós somos uns cobardes falladores;  
 Merecemos o opprobio em que vivemos;  
 Somos todos escravos... Murmurando,  
 Nós mordemos os ferros, que nos prendem,

Sem podermos quebral-os...

VISCONTI.

Caro amigo,

Eu soffro como tu; e a cada instante  
Me lanço em rosto a propria cobardia:  
Mil planos formo na irritada mente,  
E ao mesmo tempo um não sei que me prende.  
Reflicto, considero...

OLGIATO.

Acaso temes

O exito da empreza?

VISCONTI.

Nada temo

Por mim mesmo. Eu encaro o horror da morte  
Com aquelle denodo com que outr'ora  
Catão o ferro ergueo contra seu peito..  
Mas...

OLGIATO.

O que?

VISCONTI.

Uma irmã, cujo destino,

Cujo amparo reclama a minha vida  
O animo me rouba. — Oh quantas vezes  
Tenho amaldiçoado esta existencia!...  
O sangue em minhas veias se revolta...



Eu nasci para ser um novo Bruto,  
 E sou escravo!... oh misero Visconti!  
 Minha irmã!.. ella só é quem me prende.

OLGIATO.

Agora vejo, meu prezado amigo,  
 Que tua alma em valor excede á minha!  
 De confusão me cubro ante teus olhos.  
 Tu por causa da irmã a vida presas,  
 Vives p'ra defendel-a; — eu, que infamia!  
 Não defendi a minha, nem vinguei-a!  
 Si irmã tu não tivesses, talvez hoje  
 Milão a ti devesse a liberdade;  
 E eu, que irmã ja não tenho, a irmã querida,  
 Victima triste do cruel Galeazzo,  
 Que a honra lhe roubou, eu inda vivo,  
 Sem ao menos vingar tão grande affronta,  
 E ao mesmo tempo libertar a Patria  
 De um jugo tão pesado, e tão ignobil.  
 E' um remorso que me róe o peito,  
 Uma lembrança que me aseda a vida.  
 Ja não procuro desculpar-me: eu trago  
 Sobre a fronte, patente aos olhos todos,  
 Esta infamia, que em vão desfazer busco,  
 E que sempre apparece, como um sello  
 Per impia mão gravado... oh que vergonha!  
 E ante a face do mundo ousou mostrar-me. (*Cobre o  
 rosto co' as mãos*).

VISCONTI.

Olgiato, — meu amigo, inda és tão joven!  
 Vinte e tres annos tens agora apenas;  
 E quando tua irmã foi insultada  
 O que eras tu, ? e o que fazer podias ?  
 Eras, a bem dizer, uma creança.

OLGIATO.

E' talvez essa a unica desculpa  
 Com que ainda possa atenuar meu crime;  
 Crime, sim, de não ter a irmã vingado;  
 Si é que hoje posso merecer desculpa.

VISCONTI.

Não és, amigo, o unico queixoso.  
 Qual é a bella esposa, ou qual solteira  
 Formosa, e nobre, que em Milão não fosse  
 Pelo vil Galeazzo profanada?  
 Quantos irmãos, e paes, quantos esposos,  
 Que opposeram ao monstro resistencia,  
 Não foram manietados, testemunhas  
 Do crime horrendo? E quantos não morreram  
 De desesperação, de dor, de angustia?  
 Quantas virgens, depois desta deshonra,  
 Não foram pelo monstro abominavel  
 Entregues á perversa soldadesca?...  
 Entretanto ninguem lembrou-se a inda

De dar ao monstro a merecida pena  
De tantos crimes. Todos se lamentam,  
Nenhum teve o valor de castigal-o.

OLGIATO.

Esse valor só cabe em almas nobres  
De homens livres, e não no peito escravo.  
A servidão geral é como a peste,  
Que aos mesmos são terror, fraqueza inspira.  
Ha muito que combato esse contagio,  
Que me extingue o valor, e me acobarda.  
Mas eu juro por Deos, que cedo ou tarde  
Heide ao Duque ensinar que não tão facil  
Se pisa o collo do leão que dorme.  
Hoje se curva o povo, e mudo soffre ;  
Amanhã pode ser que elle desperte  
Como o leão, de colera bramando,  
E de sangue sedento.

VISCONTI.

Eu nada espero  
Deste povo corrupto.

OLGIATO

Si no povo  
Não confias, em mim confia ao menos.

VISCONTI.

Qual é o teu intento? qual teu plano?

## OLGIATO.

Meu intento é vingar a mim e a Patria,  
 E dar um novo exemplo á humanidade.  
 Quanto ao plano, indicioso estou na escolha,  
 Meios não faltam de tirar a vida  
 A um tyranno devasso, rodeado  
 De tantos inimigos; mas eu quero  
 Que uma revolução lhe dê a morte,  
 E não a occulta mão de um assassino.  
 Não; não é minha causa que eu sustento,  
 Não é o homem que se vingá de outro;  
 E' a causa do povo e da justiça.  
 E eu talvez seja apenas o instrumento,  
 O organ da Divina Providencia.  
 Muitas vezes cuidamos que senhores  
 Somos de nossos feitos, mas de cima  
 Vem o celeste impulso, que nos move.

## VISCONTI.

Eu louvo esse teu nobre entusiasmo,  
 Digno de heroicos tempos; e Deos queira  
 Que por muito escolher um meio heroico  
 Não arrisques a causa, e a propria vida.  
 Hoje applaudem-se os Brutos, si triumpham,  
 Mas si na nobre empreza elles perecem,  
 Co' o labeo de assassinos são manchados,  
 Em fim, o vencedor inda que injusto  
 E' acclamado heróe.

OLGIATO.

Isso que importa?

Não quero ser heróe, nem busco fama  
 Em troco de uma morte. A Providencia  
 Mais bondadosa foi para comigo,  
 Meu norte é a justiça, e não a gloria.  
 Tanto que houver formado bem meu plano,  
 Sem temor heide á risca executal-o,  
 E às mãos de Deos entregarei o resto.

VISCONTI.

Vem, digno amigo, abraça-me. (*vai abraçal-o, e Sil-  
 vania apparece*).

O que queres?

SCENA IV.

OS MESMOS E SILVANIA.

SILVANIA.

O senhor Lampugnano vos procura. (1)

VISCONTI.

Manda-o entrar. (*Silvania retira-se*).

Convem guardar silencio

Posto que Lampugnano amigo seja.

(1) Lampugnano, pronuncie-se Lampunhano.

## OLGIATO, VISCONTI E LAMPUGNANO.

LAMPUGNANO (*afflicto*).

Vivam!

VISCONTI.

Bem vindo sejas.

OLGIATO.

Como passas?

LAMPUGNANO.

'Stou afflicto?

VISCONTI.

O que tens?

LAMPUGNANO.

Desesperado;

Cheio de indignação.

OLGIATO.

Alguma affronta.

Do Duque de Milão?!...

LAMPUGNANO.

Caros amigos,

Eu venho relatar-vos a injustiça

Que me fez Galeazzo. — Quem diria

Que se atrevesse o Duque a despojar-me

Do Padroado que alcancei do Papa?

VISCONTI.

Que! o de Miramondo?

OLGIATO.

23

LAMPUGNANO.

D'Abbadia

De Miramondo, sim.

OLGIATO.

Pois Galeazzo

Ousa oppor-se a um favor de Sixto Quarto?

VISCONTI.

Escreve a Sancta Sé.

OLGIATO.

E neste caso

O que intentas fazer?

LAMPUGNANO.

Eu?... só vingar-me.

Basta já de soffrer esse perverso  
Filho de um *conductor* de mercenarios,  
Que nos roubou a patria e a liberdade.

VISCONTI.

Acálma esse transporte, não te percas ;  
Reflectamos melhor.

LAMPUGNANO.

Tão grande offensa  
Não, não hade ficar sem um castigo.

OLGIATO.

Não, não hade ficar. — Quereis ouvir-me?

Vamos agora á casa de Montano,  
Vamos com elle consultar.

LAMPUGNANO.

Sim, vamos,

O nosso Mestre saberá guiar-nos.

OLGIATO.

Partamos.

VISCONTI.

Eu tambem vos acompanho.

---

FIM DO PRIMEIRO ACTO.



## ACTO SEGUNDO.

Vista de sala em casa de Montano; cadeiras, e uma mesa com alguns livros encadernados de pergaminho. Sai Montano de um lado da scena acompanhado de seus discipulos, e encaminha-se para o outro lado, despedindo-se delles.

### SCENA I.

MONTANO.

Ide, jovens amigos, e lembrai-vos  
Que si eu vos faço exercitar o corpo  
Em gymnasticos jogos, não me esqueço  
De dar tambem primeiro o alimento  
Que vossas almas immortaes reclamam.  
Um espirito forte em corpo debil  
Em vez de ser senhor torna-se escravo:  
Um, para bem mandar deve ser sabio,  
O outro ser robusto p'ra servil-o.  
Não é incompativel co'a sciencia  
A rigidez do corpo; o grande Sócrates  
Deo exemplo á Platão desta verdade.  
Nunca a fraqueza pôde ser virtude;  
E si vossos parentes me censuram,  
De vós justiça espero. — Cuida o rico  
Pelo prazer e o luxo amollecido

ACTO II.

4

Que o ouro tudo dispensa ; — meus amigos,  
 Sciencia e força dictam leis aos homens ;  
 Tudo o mais é vaidade transitória ;  
 E já houve Monarcha detronado  
 Que achou recursos no ensinar meninos.  
 Adeos !

UM DISCÍPULO.

Vossos dictames seguiremos.

OUTRO DISCÍPULO.

Mestre, adeos.

MONTANO.

Ide em paz, meus bons amigos.

SCENA II.

MONTANO (*só*).

Já que pento de mim adeja a morte  
 Quero deixar á geração futura  
 Quem a possa servir co' a penna, e a espada.  
 Façamos bem aos homens sem reserva  
 Só por amor do bem ; nem recompensa  
 Devemos esperar : que si em procura  
 De um premio, neste mundo, eu só obrasse,  
 Teria dado ao mal a preferencia.  
 Já tendo sido victima innocente  
 Da maldade dos homens... Perseguido  
 Tenho errado no mundo, e a toda parte  
 Levo os unicos bens, que em mim possuo :  
 Um coração tranquillo, e uma alma forte

Pelo amor da verdade ennobrecida.  
Si o que eu faço é um bem, concluir devo  
Que os homens são ingratos...Mas que importa?  
Tu, Sócrates divino, tu meu mestre,  
Victima foste da injustiça humana;  
E quem mais da verdade foi amigo?  
O povo ignaro, habituado ás trevas,  
Amaldiçôa a luz que o incommoda:  
Como um vil criminoso foi punido  
O Redemptor do mundo!...tanto é certo  
Que pr'a o bem não ha premio sobre a terra.  
Não procuremos premio!— Esta existencia  
De nada serve, si pr'a o bem não vale.  
E pois que Deus se apraz em conservar-me  
No posto em que elle mesmo colloca-me,  
Serei firme atalaia; — á mocidade  
Servirei com exemplos e conselhos. (*Senta-se per-  
to da mesa, e pega em um livro encadernado de  
pergaminho*).

Vem, oh meu companheiro da velhice,  
Semprê que te consulto, eu abençôo  
A memoria d'aquelle que instruiu-me,  
Co'as tuas sãs doutrinas: vem, amigo,  
Meu divino Platão; tu me consolas  
Nas minhas afflicções; tu purificas  
Meus pensamentos, e me embebes n'alma  
O balsamo sagrado da virtude,

Que dos labios de Sócrates colheste,  
 E me enche de vigor. Tu feliz foste :  
 Do sabio a f'licidade não consiste  
 Em transitorios bens, que o vulgo preza ;  
 Ha outro bem maior, interno e puro  
 Que só o sabio e o virtuoso gozam. (*Batem na porta*).  
 Quem me vem procurar a estas horas? (*Encaminha-  
 se para a porta*).

## SCENA III.

MONTANO, OLGIATO, VISCONTI,  
 E LAMPUGNANO.

MONTANO.

Oh sois vós!...

OLGIATO.

Deos esteja em vossa guarda.

VISCONTI.

Viemos perturbar vosso descanso ?

MONTANO.

Não, amigos, si eu posso ser-vos util ;  
 Posto que velho, prezo a companhia  
 De jovens como vós.

OLGIATO.

Para instruir-nos  
 Sempre affavel e prompto vos achamos,

MONTANO.

De que me serviriam meus estudos

Si eu não tivesse a quem communicar-os?  
 Outros tambem por mim se affadigaram;  
 Eu transmitto o que herdei, e pouco ajunto.  
 E o mel na flor colhido pela abelha  
 Si não servisse ao homem, se perdera.  
 Mas que tem Lampugnano?—Não me falla!  
 Que olhar tão pensativo!... Que ar tão triste?

LAMPUGNANO.

Desculpai-me, senhor...

OLGIATO.

Justos motivos

O obrigam a estar triste.

MONTANO.

Ser-me-ha dado

Saber quaes elles são?

VICONTI.

P'ra isso mesmo

E' que nós aqui estamos.

OLGIATO.

Lampugnano

Foi offendido, e nós que amigos somos,  
 Não podemos soffrer a sangue frio  
 Que um homem só se atreva impunemente  
 A calcar com soberba nossos fóros.  
 Desejamos ouvir vosso conselho.

MONTANO (*para Lampugnano*).

Dizei, então o que ha?

LAMPUGNANO.

Mestre, não posso.

Julgo melhor calar-me. Eis Olgiato,

E Visconti, que o caso narrar podem. (*Senta-se meditativo*).

OLGIATO.

Pois bem, eu contarei: — sabemos todos  
 Que o Papa concedeo o Padruado  
 De Miramondo ao nosso Lampugnano:  
 Sixto Quarto foi justo nesta graça.  
 Agora Galeazzo, que não póde  
 Ver o merito erguer-se, e que não soffre  
 Que a virtude ache abrigo sobre a terra,  
 Oppõe-se a doação do Sancto Padre  
 Em menoscabo da justiça. — Infame!  
 Talvez para outorgar essa Abbadia  
 A quem não seja digno, á algum perverso  
 Que o tenha, nos seus crimes, ajudado.  
 Só a gente mais vil, a mais abjecta  
 E' quem hoje entre nós cargos merece.  
 Ninguém vive seguro. Cada instante  
 Um cidadão é victima do Duque.  
 Este monstro, do Inferno parto hediondo,  
 Enche Milão de horror, de lucto, e sangue.

O clamor é geral. Toda a cidade  
 E' um vasto redil de manso gado,  
 Onde este feroz lóbo não se farta.  
 A vida, a honra, os bens, tudo elle rouba!  
 Seremos nós tão vís que nem ao menos  
 Pelo proprio interesse, e pela vida  
 Façamos um exforço, que a justiça,  
 O dever nos ordena em alto brado?  
 Seremos surdos ao clamor da terra  
 Com tanto sangue Milanez regada,  
 Sangue, que do assassino pede sangue?  
 Ficarão tantos crimes sem castigo?  
 Tantas victimas suas sem vingança?  
 Teremos nós perdido todo o brio,  
 Todo o valor de nossos pais herdado?  
 Aconselhai-nos, Mestre, aconselhai-nos;  
 O que pensais?—Dizei-nos;—dirigi-nos.

MONTANO.

Eu?...

VISCONTI.

Vosso parecer ouvir queremos.

MONTANO.

Sobre que?

OLGIATO.

Sobre o caso qu'hei exposto.

MONTANO.

Acho que Galeazzo foi injusto.

OLGIATO.

Isso só?

MONTANO.

E que mais quereis que eu diga?  
Lamento como vós que assim vivamos  
Expostos ao capricho de um tyranno.

OLGIATO.

Nada mais?...

MONTANO.

Nada mais.

VISCANTI.

Será possível?

OLGIATO.

Como! Pois respondeis com essa calma  
Quando o furor abrasa nossos peitos?  
Quando nos vedes promptos e dispostos  
A vingar um amigo injuriado?

MONTANO.

Tambem de Lampugnano sou amigo,  
E da sua afflicção parte me cabe;  
Mas não me espanta o proceder do Duque.  
Muito mais soffri eu, e não vinguei-me.  
Eu fui por ordem sua, em plena praça  
Açoutado; e porque? todos o sabem,  
Por ter sido seu mestre, e ás suas faltas  
Dado um leve castigo, que ás creanças



Todos os mestres dão p'ra corregil-as.  
 Por amor castiguei-o em sua infancia,  
 E elle como senhor de mim vingou-se.

OLGIATO.

E senhor o chamais? sois vós escravo?

MONTANO.

Senhor elle é, não só de mim, de todos:  
 O povo todo como escravo o soffre,  
 Logo como senhor o reconhece.

VISCONTI.

Cada vez mais me espanta esta linguagem.

OLGIATO.

Si o povo o soffre, é que o temor o prende.

MONTANO.

Pois tanto um homem só temor inspira?  
 Terá elle do céo alguma força,  
 Ou as potencias infernaes o escoltam?

LAMPUGNANO. (*Levantando-se precipitadamente,  
 e com indignação.*)

Potencias infernaes são esses monstros  
 Que o defendem, cumprindo suas ordens;  
 Esses sicarios, que co'as mãos armadas  
 Sem cessar o rodeam, e nos privam  
 Como um muro de ferro de total-o.

OLGIATO.

Lampugnano diz bem. Nunca o tyranno  
 Ousa mostrar-se ao povo sem escolta.  
 Tanto sua fraqueza reconhece,  
 Que busca do terror a salva-guarda.  
 Cuidais vós que de tantos offendidos  
 Não haja quem medite na vingança?  
 A vingança é um nectar saboroso,  
 Que só póde acalmar o ardor da offensa.  
 Si não fosse o temor que a empreza inspira,  
 Ha muito que seu sangue sobre a terra  
 Teria de Milão lavado o opprobrio.

MONTANO.

Quem tem medo é escravo.

OLGIATO.

O homem livre

Receia expôr a preciosa vida  
 Inutilmente, quando a morte é certa,  
 E duvidoso o exito da empreza.

MONTANO.

Quem obra por dever não teme a morte;  
 E quem temendo aventurar a vida,  
 Prefere uma existencia vergonhosa,  
 A uma morte honrosa, não merece  
 Sinão a escravidão. — Si de taes homens

Só se compõe o Estado, a tyrannia  
 Deve ser com razão o seu governo,  
 E flagellal-os para seu castigo.

LAMPUGNANO. (*Com colera*).

Então vós applaudís do Duque os crimes?

MONTANO

A colera vos cega, e vos impede  
 De entender o que eu disse. Não approvo  
 Os crimes do tyranno; mas confesso  
 Que é necessario as vezes um tyranno  
 Fero e corrupto, p'ra ensinar aos povos  
 A defender a sua liberdade.  
 Não se fórma o tyranno de repente;  
 O povo é quem o nutre pouco a pouco  
 Co'a propria corrupção; elle gerado  
 No luxo estragador, e na injustiça,  
 Não póde ter diversa natureza:  
 Filho da corrupção tudo corrompe:  
 Quando depois a tyrannia avulta,  
 E c'o o peso dos crimes nos esmaga,  
 Todos clamam contra ella. Que diries  
 Si a terra se queixasse de que os cedros,  
 Cujas raizes della a vida bebem,  
 C'o o peso dos seus ramos a incommodam?

OLGIATO. (*com emphase*).

Tambem ha raios para o cedro altivo.

MONTANO. (*Com tom sentencioso*).

Precede ao raio horrivel tempestade.

LAMPUGNANO.

O que quereis então? que nós sofframos,  
Visto que o mal de nós origem tira,  
Ou porque nossos pais tambem soffreram!

MONTANO.

Quem muito tem soffrido, facilmente  
Continua o soffrer, e soffre tudo.

VISCONTI.

São justas as razões do nosso mestre.  
Em silencio escutei attentamente,  
E agora reflectindo me recordo  
Do que ha bem pouco tempo vio Ferrara.

MONTANO.

Lembraes bem.

VISCONTI.

Nicolão, da casa d'Este  
Um dos melhores principes, rodeado  
De tantos emigrados Ferrarenses,  
Pelo Marquez de Mantua protegido,  
Protegido tambem por Galeazzo,  
A' testa de um exercito apossou-se  
De Ferrara, que sob o ferreo jugo  
De seu tio, o Duque Hercules, gemia.

Por uma brecha entrou sem resistencia ;  
 Todo o povo feixou-se em suas casas,  
 Esse povo opprimido e escravizado !  
 Nicoláo passeava pelas ruas,  
 Promettendo abundancia e bom governo :  
 Ninguem á sua voz unio-se a elle !  
 E á voz de Sigismundo, esse tyranno  
 Irmão do Duque, que até —li medroso  
 Occultado se tinha, todo o povo  
 Contra seu protector correo armado,  
 Seu antigo tyranno defendendo.  
 De Nicoláo correo o nobre sangue ;  
 E Hercules Primeiro, em recompensa  
 Da fiel servidão de seus vassallos,  
 Continuou nas suas tyrannias.  
 Tanto é certo que o povo escravizado  
 Perde a virtude, a força, a honra, o brio,  
 E que nem agradece a quem o serve.

## MONTANO.

E' um facto occorrido em nossos dias.

OLGIATO. (*Com intrepidez*).

E isso o que prova contra o nosso intento ?  
 Trabalhamos acaso por salario ?  
 E' pelo preço vil da recompensa  
 Que a nossa vida á Patria Offerecemos ?  
 Eu sei que muitas almas generosas

Abrasadas no amor da liberdade  
Se tem sacrificado neste mundo,  
Sem extinguir a raça dos tyrannos.  
Sei qual a sorte foi de Bruto e Rienzo ;  
Sei que em grandes emprezas não devemos  
No povo confiar ; mas não se segue  
Que por elle devamos modellar-nos.  
Eu mesmo vi como este povo estulto  
Co' o peso dos impostos esmagado,  
Correo para applaudir a pompa immensa  
Que Galeazzo ostentou n'essa viagem  
De Milão á Florença, sem lembrar-se  
Que esse luxo insensato lhe custava  
Duzentos mil florins d'ouro, roubados  
As familias, aos pobres e ao bem publico.  
Desta somma a metade era bastante  
P'ra sustentar na guerra contra os Turcos  
Negroponte, perdida sem defeza.  
Emfim convem prever maiores damnos ;  
Não posso mais soffrer tão fero monstro,  
Sobejam-me razões para odial-o. (*Para Montano*).  
E vós, que em nossas almas embebestes  
O amor da liberdade e da virtude,  
Por que agora tentais com tal frieza  
Extinguir o vulcão que nos devora ?  
Si é p'ra mais irritar-nos, ocioso ;  
E si para acalmar-nos, impossivel :

Do dever ao impulso não resisto.  
 Tu, Visconti, receias proteger-nos,  
 Tens razão, tua irmãa requer teu braço,  
 Vive p'rá defendel-a, e sustental-a.  
 Quanto a mim, meus amigos não recûo. (*Com decisão, tomando a mão de Lampugnano*).  
 Dá-me a mão, Lampugnano; eu te prometto  
 Um braço forte, um peito destemido,  
 Decedido a se expôr aos golpes todos.  
 Vamos junctos morrer.

LAMPUGNANO

Vamos vingar-nos!

OLGIATO.

Adeos! Adeos... (*Querendo sair com Lampugnano, Visconti e Montano se oppõem*).

VISCANTI.

Olgiato!

MONTANO.

Espera, Olgiato!

OLGIATO

Deixai-nos...

VISCANTI.

Meu amigo, ouve primeiro.

Cuidas que no perigo te abandono?

OLGIATO.

Ah! não ; tens uma irmãa !... Vive por ella ;  
 Ella é pura e innocente como um Anjo ;  
 Deos me preserve, de roubar-lhe o apoio,  
 Que deo-lhe o céo.

MONTANO. (*Segurando em ambas as mãos de Olgiato, com ternura, levando-as ao peito*).

Oh joven corajoso !

Meu discipulo amado ! tu coroas  
 Os esforços de um velho... Essa tua alma  
 E' digna de um Romano de outro tempo.

OLGIATO.

Inda não mereci honra tão grande.

VISCONTI.

Amigo meu da infancia, eu te supplico  
 Uma só graça ; escuta.

OLGIATO.

Falla.

VISCONTI.

E' certa

A morte para nós, quer eu te siga,  
 Quer te deixe, no caso que o tyranno  
 Possa escapar ao golpe que o espera.  
 E qual será de minha irmãa a sorte ?  
 Já cuido vel-a entregue ás crueis garras



Desse cruento abutre; arrebatada  
 Vejo-a passar de suas mãos infames  
 A's mãos tintas de nosso proprio sangue  
 Dessa desenfreada soldadesca!  
 Oh que só esta ideia me lacera!  
 Não, meu amigo, pela Sancta Virgem,  
 Não queiras ser a causa da desgraça  
 De uma joven que te ama... Escuta, escuta;  
 Reflectamos melhor. — Que nos importa  
 Viver aqui, ou fóra destes muros?  
 Deixemos esta terra malfadada;  
 Vamos, vamos viver em outro solo,  
 Onde o ar empestado do tyranno  
 Não possa nodoar nossa virtude:  
 Vamos juntos viver com Angelina;  
 Sim, Olgiato, meu amigo! eu te amo,  
 E quizerá que tu meu irmão fosses.

OLGIATO (*com a maior perturbação*).

Ah Visconti!!!

VISCONTI.

Olgiato! cede amigo!

OLGIATO.

Oh Deos!... Que me propões, Visconti?

VISCONTI.

A vida!

OLGIATO.

A morte, e a deshonra!

VISCONTI.

A' Deos entrega

O castigo do monstro.

OLGIATO (*com resolução estoica*).

Já não posso;

Eu dei minha palavra a Lampugnano.

VISCONTI (*para Lampugnano.*)

Lampugnano, desiste.

LAMPUGNANO.

Se quizeres,

Olgiato, desiste; eu não te obrigo;

Angelina merece um sacrificio,

OLGIATO (*com transporte*).

E minha irmã?...

VISCONTI.

Não lhe darás a vida

Com isso.

OLGIATO.

E a Patria?...

LAMPUGNANO.

Adeos; não te constranja

Minha presença (*querendo sair*).

OLGIATO.

Espera, eu vou comtigo.

VISCONTI.

Não, tu não sairás. — Assim recusas  
A mão de minha irmã?

OLGIATO.

Não a mereço;

Ninguém me deve amar. — A minha dextra  
Casou-se co'um punhal, e pede sangue.

VISCONTI.

Morrerás, Angelina! O meu amigo  
E' quem cruel te cava a sepultura.

OLGIATO.

Eu vou livral-a do feroz abutre  
Que me roubou a irmã.

VISCONTI.

Com essa furia,  
Cego, tu vás morrer.

OLGIATO.

Deixa qu'eu morra,  
Vive tu...

VISCONTI.

Cede amigo!...

OLGIATO.

OLGIATO.

Não.

VISCONTI.

Escuta.

OLGIATO.

Não, não posso.

VISCONTI.

Cruel!...

OLGIATO.

Adeos!

VISCONTI (*repellindo-o de si*).

Pois vai-te.

Coração sem piedade, alma insensível.

OLGIATO.

Adeos, amigos; — Lampugnano, vamos. (*saem ambos*).VISCONTI (*indo atraz delles*).

Pára! Espera...

OLGIATO.

Não mais.

MONTANO (*só*).

Milão, stás salvo!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

## ACTO TERCEIRO.

Vista de sala em casa de Visconti.

### SCENA I.

#### VISCONTI E ANGELINA.

VISCONTI (*assentado, com os cotovelos apoiados sobre uma mesa, em attitude de profunda meditação: Angelina em pé*).

ANGELINA.

Caro irmão, o que tens?... Falla, Visconti.  
Por que, n'essa tristeza mergulhado,  
A' tua irmã occultas os teus males?  
Desabafa teu peito. — Por que queres  
Aggravar tua dor com tal silencio?  
Não sabes qu'eu tambem com tigo soffro?  
Que melhor confidente achar tu podes?  
Talvez melhor que os teus proprios amigos  
Eu possa consolar-te na desgraça,  
Si é que alguma desgraça aconteceo-te!

VISCONTI (*com perturbação*).

Desgraça, — sim... Mas não me inquiras.

ANGELINA (*com espanto*).

Como!

Não sou eu tua irmã?... A ti ligada,  
Sem outro apôio, a tua desventura  
Não será também minha?... Acaso pensas  
Que não devo saber dos teus segredos  
Para não revelal-os?... Tu te enganas!  
Um segredo que tanto te incommóda,  
Póde ter perigosas consequencias;  
E uma mulhier ás vezes tem lembranças  
Tão repentinas, que attenção merecem.

VISCONTI (*incommodado*).

Ah! deixa-me, Angelina!

ANGELINA.

Irmão querido,  
Por que voltas os olhos, p'ra não ver-me?  
Tanto minha presença te importuna?

VISCONTI (*impaciente*).

Ah! deixa-me; eu te rogo.

ANGELINA (*com mais ternura*).

E me repelles  
Com tal dureza?...

VISCONTI (*amargurado*).

Calla-te.

ANGELINA (*assustada*).

Que é isto?

Serei eu de teus males causadora?

Então o que fiz eu?... Por que motivo?..

VISCONTI (*com explosão dolorosa, levantando-se*).

Tu não me deixarás?..

ANGELINA (*suspensa um pouco como querendo suffocar o pranto, e com voz tremula*).

Eu ja te deixo! (*retira-se lentamente, limpando os olhos. Visconti encruza os braços, e caminha para a scena, reflectindo com inquietação*).

**SCENA II.**

VISCONTI (*só*).

Qué afflicção é a minha !... ah!... Olgiato  
Deixou-me, ingrato, sem querer ouvir-me!...  
Que heide fazer?... Seu genio é indomavel,  
Ardente, impetuoso ;... elle não cede...  
Seu coração é duro, inaccessible  
Aos encantos de amor;... sua alma estoica  
Só de ideias severas se alimenta..  
Nada posso fazer para abrandal-o.  
Entretanto é mister qu'eu me decida  
A tomar um partido agora mesmo....  
Seguil-o?... Não; que deixo a irmã sosinha:

Por mim não duvidára... Abandonal-o,  
 Vê-lo marchar co'intrepidez á morte  
 P'ra salvar meu paiz, e eu, cobarde,  
 Ficar, só p'ra gozar !... oh não, não posso !  
 Sou seu amigo!... oh dura alternativa!  
 Que peso é uma irmã em casos d'estes !  
 E que meio haverá?... céos, inspira-me !  
 Agora me recordo que Angelina  
 Inda ha pouco me disse, que as mulheres  
 Teem ás vezes lembranças repentinas...  
 Talvez qu'ella me indique alguma ideia.  
 Angelina ! Angelina !... Mas que faço ?  
 Deverei confiar este segredo  
 A' uma joven ?

**SCENA III.**

VISCONTI E ANGELINA.

ANGELINA (*com resentimento*).

Eis-me aqui, Visconti.

VISCONTI.

Minha irmã...

ANGELINA.

O que tens para ordenar-me ?

VISCONTI.

Nada, Angelina;... Eu quero comprazer-te.  
 Quero da minha dôr expor te a causa.



ANGELINA (*com ironia*).

Vê bem si eu te mereço confiança.

VISCONTI.

Sim, minha irmã... Desculpa-me, si ha pouco,

Afflicto como estava, repelli-te.

Um segredo importante me atormenta...

Ja sabes que Olgiato busca a morte!..

ANGELINA.

Que! a morte!... Olgiato?... E tu que fazes?

VISCONTI.

A deshonra talvez, sem que meu braço.

O possa sustentar, ou defendel-o.

ANGELINA.

Como assim?

VISCONTI.

Conspirando contra o Duque.

ANGELINA.

Conspirando? e com quem?

VISCONTI.

Com Lampugnano.

ANGELINA.

Com Lampugnano!... Que!... Pois tambem elle?...

Gentil-Homem do Duque, e seu amigo!

VSCONTI.

Um tyranno feroz não tem amigos,  
 E si elle ás vezes um valido escolhe  
 E' p'ra ter o prazer de anniquilal-o.  
 Galeazzo não quer que haja um só homem  
 Que ao menos uma offensa não receba.  
 Ja com razão se queixa Lampughano.

ANGELINA.

E o que se espera desse monstro horrendo  
 Que nem da propria Mãe poupou a vida?  
 Não foi Branca, Visconti, envenenada  
 Em Cremôna?... E quem foi seu assassino?  
 Elle, que mesmo aqui a maltratava,  
 E alfim a desterrou, p'ra ver-se livre  
 De quem o aconselhava p'ra virtude.  
 Filho que nem a propria Mãe respeita,  
 Que insulta a Natureza e as leis Divinas,  
 Como hade respeitar as leis humanas?  
 Do inferno a porta está p'ra elle aberta,  
 Satanaz o aguarda... A sua morte  
 Horrivel deve ser.

VSCONTI.

Talvez bem cedo  
 Vá dar contas a Deos de tantos crimes.

ANGELINA (*com enthusiasmo*).

Graças ao Céu! — cumprir-se-hão meus votos!

Já tomo alento mais desassombrada.  
Appareceo em fim uma alma nobre  
P'ra vingar tantas victimas do monstro,  
E dar a paz aos corações das virgens!  
Appareceo um peito, um braço egregio,  
P'ra assegurar a honra das familias,  
E extinguir o veneno em sua fonte!  
Appareceo um joven corajoso,  
Um heróe, p'ra ensinar a um povo inteiro  
A sustentar a sua dignidade!  
E é Jeronimo Olgiato, o teu amigo,  
Esse joven heróe, que tanto empheende!  
Não me enganaram meus presentimentos!  
Aquelle rosto, que a virtude anima,  
Aquelles olhos firmes, fulminantes,  
Aquella voz, que encanta, e attrahe as almas,  
Aquella nobre magestade, impressa  
Em todas as acções e movimentos;  
Tudo nelle um heróe me annunciava.  
Eu sempre me dizia: — Este Mancebo  
'Stá destinado para grandes feitos;  
Que com tal coração, com tal aspecto  
Ninguem ao mundo vem inutilmente.  
Si eu o estimava, agora...

VISCONTI.

O que? prosegue.

ANGELINA.

Agora... e por que não direi que o amo?  
 Alem dos dotes de ceeste origem,  
 Não é elle de um tronco illustre e nobre?

VISCONTI.

Infeliz!... teo amor bem mal empregas.

ANGELINA (*suspensa*).

Que dizes?... Mal?...

VISCONTI.

Seu coração não sente  
 Por ti igual affecto.

ANGELINA (*assustada*).

Ama elle a outrem?

VISCONTI (*com desdem*).

A ninguém.

ANGELINA (*tranquilla*).

A ninguém?... Ah!

VISCONTI.

Sua alma  
 Não pertence a este mundo. Outros cuidados  
 A separam da terra... Um pensamento  
 Só o domina, e para a morte o impelle:  
 E' como um sonho de febril accesso,  
 Que só lhe mostra em illusorio quadro  
 Um ponto luminoso, imperturbavel.

Em seu transporte esquece-se de tudo :  
 Firme como um penedo, não se dobra  
 A' força das razões, e dos exemplos.  
 Nada o pôde vencer; — nem o teu nome  
 De leve o enterneceo; fugio, deixou-me  
 Só para o não ouvir.

ANGELINA (*com espanto*).

Meu nome! e como?

E com que intenção o proferiste?

VISCONTI.

Não t'ó direi, p'ra não angustiar-te.  
 Nunca, nunca pensei!...

ANGELINA.

Não me angustias;

Podes fallar... Eu quasi que prevejo.

VISCONTI.

Pois bem, isso te baste.

ANGELINA.

Dize ao menos

O que querias tu qu'elle fizesse?

VISCONTI.

Que por amor de ti prezasse a vida;  
 Que deixase Milão com seu tyranno,  
 E fossemos p'ra Roma, ou p'ra outra parte,  
 Onde viver podessemos tranquillos.

O mundo é grande! e nunca falta ao homem  
Deos, a terra, e o ar; e com trabalho  
Obtem-se o resto.

ANGELINA.

Então emigrar queres?

VISCONTI.

Fôra resolução mais acertada.

ANGELINA.

E deixarás o amigo exposto á morte?

VISCONTI.

Elle o quer.

ANGELINA.

E depois, si a Providencia  
Der á seu nobre esforço um digno premio;  
Si elle vencer, o que farás?

VISCONTI.

Viremos

Abraçal-o, e applaudir o seu triumpho.

ANGELINA.

E elle te dirá: — tu me deixaste,  
Quando se me antolhava a morte e a infamia;  
Tu fugiste de mim, quando eu votava  
Meu sangue e minha vida a bem de todos,  
O céo me protegeu, vencí, e o povo  
Por seu libertador grato me acclama;  
Agora reina a paz na Lombardia;

Goza tranquillo o fructo da victoria,  
Que meu braço alcançou p'ra meus amigos;  
Goza sem susto; já não ha um monstro,  
Que te infunda terror. — Irmão querido,  
Elle isto te dirá. — E com que rosto  
Serás tu testemunha de seus feitos?  
Teu nobre coração como varado  
Não será de remorsos nesse instante?  
Poderás vel-o, poderás ouvil-o  
Sem que o pejo te roube a cor e a força?  
Sem que nos labios tremulos, sem vida  
A teu pesar subitamente expire  
A voz da gratidão para applaudil-o?

VISCONTI.

Angelina! não mais... Será possível  
Que até a propria irmã assim me exprobe!  
E por que?... Tu não vêes que, si eu hesito  
E' só por causa tua? Não reparas  
No grande risco de uma ousada empreza,  
De um temerario arrojo?... Que é mais certa  
A morte, que a victoria... E si eu te deixo  
Só, e me entrego ao impeto da raiva,  
Que me incha o coração ha muito tempo,  
Si eu vou, e morro, — desvalida orfã,  
O que hade ser de ti? — Acaso devo  
Uma vida arriscar, da qual depende  
A tua propria vida, e a honra tua?

Oh meu pai ! oh meu pai ! si vivo fôras,  
 Com tigo ella ficára, e abençoado  
 Por ti, não esperára alheio impulso  
 P'ra ir sacrificar-me pela patria !  
 Ah ! minha irmã !... como és cruel e injusta !  
 Quão mal de teu irmão conheces a alma !  
 Tu convertes em crime, ou em fraqueza  
 O que é excesso em mim de amor fraterno ?  
 Injusta, injusta irmã.

ANGELINA.

Não sou injusta,  
 Ah não ! se te offendi, por Deos te peço  
 Que me pordoos:

VISCANTI.

Tu nem reflectiste  
 Nas palavras crueis, envenenadas,  
 Que contra mim soltaste, como settas,  
 Que estão meu coração dilacerando.

ANGELINA.

Basta ! tua bondade reconheço.  
 Vejo que é só amor, que me consagras,  
 Quem te faz hesitar nos teus deveres.  
 Mas escuta: — p'ra que não sacrifiques  
 A Patria á tua irmã, nem esta á Patria,  
 Façamos outra cousa.



VISCONTI.

O que? prosegue.

ANGELINA.

Vamos todos. — Eu quero acompanhar-te.  
O horror ao monstro assaz valor me inspira,  
Si o céo nos for propício, como espero,  
Uma parte da gloria será minha,  
E si morreremos, juntos morreremos.

VISCONTI.

Que estás dizendo? Que loucura é essa?

ANGELINA.

Dá-me, dá-me um punhal, irei contigo.

VISCONTI.

Repara qu'és mulher, mulher e fraca!

ANGELINA.

Mulher no corpo sou, mas varão n'alma,  
E si de homem vestir-me, serei homem.  
Dá-me um ferro, e consente qu'eu te siga.

VISCONTI.

Qual ferro! com que mão has de vibrar-o?

ANGELINA.

Com esta! — O mesmo sangue que te anima,  
O sangue dos Viscontis em mim corre!  
Nem serei das mulheres a primeira

Que pelo seu paiz se sacrifique.  
Sempre a Italia foi fertil de Heroínas,  
E mais de mil, Milão vio em seus muros!

VISCONTI.

A colera te cega;... não prosigas.

ANGELINA.

E por que?... Cuidas tu que o amor da Patria,  
O amor da justiça, o horror ao monstro,  
De uma mulher no coração não cabem?  
Não temos nós uma alma?

VISCONTI

Mais prudencia,  
Minha irmã!... mais prudencia... Ahi vem gente.  
Quem me procura?

## SCENA IV.

## OS MESMOS E OLGIATO.

OLGIATO (*sombrio*).

Teu amigo Olgiato.  
Senhora, tenho a honra de saudar-vos.

ANGELINA.

Outro tanto, senhor.

OLGIATO (*para Visconti, apertando a mão*).

Visconti!

VISCONTI.

Amigo.

OLGIATO (*com voz grave e atributada*).

Sempre o serei. — Abraça-me, e desculpa  
 Do meu transporte o excesso. — Eu trago esta alma  
 Tão agitada, e o corpo tão molesto  
 De continuas vigílias, que nem posso  
 No acesso de furor contrafazer-me;  
 De mais, um pensamento grande, — e horrível  
 (Tu bem sabes qual é) tanto me absorve,  
 Que esquecido de mim, a nada attendo.  
 Arrependido estou...

VISCONTI (*interrompendo-o*).

Do teu intento?

OLGIATO.

Ah! não.

VISCONTI (*desdenhoso*).

Então de que!

OLGIATO.

Do meu transporte.

De te haver respondido ardendo em raiva,  
 Quando meigo devera agradecer-te  
 Um favor, um thesouro, um bem tão grande,  
 Que feliz me fizera até sonhando;  
 E que agora um destino fero e duro  
 Me obriga a regeitar! — Fatal estrella

De certo presidio a hora infausta  
 Em que a triste Mãe me deo ao mundo!  
 Nasci para soffrer! — Obedecemos  
 A vontade de céo.

VISCONTI.

Não és tu livre?  
 Não acuses o céo dos teus delirios.

OLGIATO.

O que sabemos nós sobre esse ponto?!...  
 Deos vê tudo; — e o futuro lhe é patente!  
 E o que eu heide fazer, e ainda ignoro,  
 Elle já sabe.

VISCONTI.

Então és fatalista?

OLGIATO.

Nem eu sei o que sou; — e me confundo  
 Quando minha alma abysmo em tal arcano.  
 Tambem do que me serve aprofundal-o,  
 Si aos homens são vedados taes mysterios?  
 Nós só fazemos o que Deos permite.  
 A fé é a melhor sciencia humana.

VISCONTI.

Assim é. — Mas... p'ra que tu me procuras?

OLGIATO.

Para que me perdoes, e me abraces.

VISCONTI.

E agora qual é o teu intento ?

OLGIATO.

O mesmo.

VISCONTI.

O mesmo ? !...

OLGIATO.

Sim.

VISCONTI.

'Sta bem. — Avante.

Faze o que intentas ; — cobre-te de gloria...

Fique commigo a infamia de deixar-te...

Mas justa causa eu tenho... Deos o sabe (*cobre os olhos  
com as mãos, e senta-se*).

OLGIATO (*commovido*).

Tambem eu ;... e só isto ma angustia.

ANGELINA (*com resolução*).

A causa eu sou ; — eu só... Mas já lhe disse

Que se esqueça de mim, ou que me deixe

Acompanhar-vos em tão nobre empreza.

A meu pezar sou causa de uma infamia...

VISCONTI.

Fora melhor que te calasses.

OLGIATO (*para Angelina*).

Como?

Tudo sabeis, senhora?... e conspirada  
Não estais contra mim?

ANGELINA.

Por que?... só sinto  
Que meu irmão, por mim, de si se esqueça.  
Este amor fraternal tão excessivo  
E' só quem o flagella, e me constrange.  
Ah! senhor Olgiato, eu vos invejo  
O nobre pensamento, — e mais que tudo  
Invejo a sorte do homem, — Oh malfadada!  
Por que nasci mulher?

VISCONTI (*com profundo pesar*).

P'ra meu tormento!

ANGELINA.

E p'ra minha desgraça!

OLGIATO.

Oh, caro amigo!...  
Senhora!... por quem sois,... por Deos vos rogo,  
Não mais vos afflijais... vossas palavras  
São agudos punhaes p'ra meus ouvidos.  
Esquecei-vos de tudo, — e de mim mesmo.  
Quizera aqui morrer para aplacar-vos.  
Eu o culpado sou; — sim, morrer devo,

Eu só,... para aplacar ao mesmo tempo  
A sombra de uma irmã, que de continuo  
Se mostra ensanguentada ante meus olhos,  
Clamando que lhe vingue a honra e a morte,  
E de meu braço a lentidão crimina.  
Não ignorais, senhora, o fim horrivel  
Da minha triste irmã;... Como vós, bella,  
Jonven e recatada, não livrou-se  
Das torpes mãos do infame Galeazzo.  
Esta lembrança como um quadro vivo  
Me segue, e me acompanha a toda parte,  
No meu leito, na rua, agora mesmo,  
Agora mesmo se me antolha a imagem  
De minha cara irmã,... em vós a vejo,  
E me pede,... Ah ! senhora, perdoai-me !  
Desculpa-me, Visconti ; — o qu'ella pede  
E' o que tu em meu logar farias.  
Tu inda tens irmã... Temes por ella ;  
Eu p'ra vingar a minha, a morte busco.  
Ah!... Não fosse este o peso que me esmaga,  
Que a vossos pés, senhora, neste instante  
Depuzera o punhal, e amára a vida,

VISCONTI (*enternecido lançando-se nos braços  
de Olgiato*).

Oh, meu Amigo !... basta... não me firas  
O coração ;... eu louvo o teu intento.

ANGELINA.

Senhor,... as minhas lagrimas te espliquem  
O que meus labios proferir não ousam.

OLGIATO (*com mdgoa*).

Ai de mim!... Oh mil vezes desgraçado!  
Oh minha Mãe!... p'ra que me deste a vida?

ANGELINA (*com ternura*).

Oh, senhor Olgianto!...

VISCONTI.

Meu amigo!

OLGIATO (*suffocado*).

Não posso mais;... o coração me estalla...  
Falta-me o ar... suffoca-me... deixai-me... (*querendo  
sair, Angelina e Visconti o seguram pelo braço  
com ternura*).

ANGELINA E VISCONTI.

Oh Deos!

OLGIATO.

Ah!

VISCONTI.

Tranquilliza-te

ANGELINA.

Sentai-vos. (*Ol-  
giato assenta-se abatido, cobre os olhos com  
as mãos, e sacode a cabeça como desesperado*).



## SCENA V.

OS MESMOS E LAMPUGNANO.

VISCONTI (*espantado*).

Lampugnano!

OLGIATO (*levantando-se d esta voz e em attitude estatica*).

Pois já!!!

LAMPUGNANO (*embaraçado*).

Nada é comtigo.

VISCONTI (*assustado*).

Então o que ha?

ANGELINA.

Que susto!

LAMPUGNANO (*para Angelina*).

Nada...

VISCONTI.

Falla.

LAMPUGNANO (*para Visconti*).

E' um particular ;... a ti sómente

Quizera expor, (*para Angelina*)

Senhora desculpai-me.

VISCONTI.

Segredo?!..

ANGELINA.

Que temor me gela o sangue!

VISCONTI (*com sorriso affectado para Angelina*).

Retira-te, Angelina;... contentemos

Ao Senhor Lampugnano.

ANGELINA.

Eu vou. (*aparte*) Qu'è isto!

SCENA VI.

OS MESMOS, MENOS ANGELINA.

VISCONTI.

Podes fallar.

LAMPUGNANO.

Nem mesmo assim me animo.

OLGIATO.

Lampugnano! que novas vens trazer-nos?

Meu coração parece que adivinha.

Não digas.

VISCONTI.

Falla, amigo!

LAMPUGNANO (*para Olgiato*).

E' necessario

Para evitar talvez maior desgraça.

VISCONTI.

Dize já.

LAMPUGNANO.

Galeazzo...

OLGIATO E VISCONTI.

Galeazzo?!!...

LAMPUGNANO.

Sebe já...

VISCONTI (*assustado*).

Sabe o que?

LAMPUGNANO.

Que sacrificio!

VISCONTI.

Não me occultes o mal que tem remedio.

LAMPUGNANO

Só por isso sou nuncio de más novas.

VISCONTI.

E' de minha pessoa que se trata?

LAMPUGNANO.

De outra talvez talvez mais cara...

VISCONTI.

De Angelina!... (*Fica  
imovel com os olhos abertos*).

OLGIATO.

O coração presago m'ô dizia!...

LAMPUGNANO.

O Duque sabe qu'ella está contigo,

E já...

OLGIATO (*interrompendo-o*).

Não digas mais... prevejo o resto  
Oh monstro!... não ha sangue que te farte!

VISCONTI (*como tornando a si com um riso feroz*).

Elle já sabe... e já projecta a infamia!...  
Oh!... em vão procurei suster o raio  
Elle caiu-me em fim!... Pois bem, agora  
Sei o que heide fazer... eu me decido...  
Somos tres...

OLGIATO.

O que intentas?

VISCONTI.

Meus amigos,

Angelina nos ouve... Não podemos  
Livrementemente fallar... Algumas ordens  
Tenho que dar... Assim ide esperar-me  
Um pouco no jardim do Cemiterio  
De Sancto Ambrosio

OLGIATO.

Lá te aguardaremos.

VISCONTI.

Bem. (*Olgianto e Lampugnano dão alguns passos  
para sair, Olgianto pára, e voltando o rosto para  
a scena*):

OLGIATO.

69

OLGIATO (*com intenção*).

O praso é ao pé da sepultura  
De minha irmã.

VISCONTI.

Ao pé da sepultura!...

OLGIATO.

Sim, lá mesmo.

VISCONTI.

Pois bem...

OLGIATO E LAMPUGNANO.

Adeos!

VISCONTI.

Té logo.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

---



## ACTO QUARTO.

Vista de jardim que faz parte do cemiterio de Santo Ambrosio, plantado de salgueiros e ciprestes; alguns tumulos de marmore, e entre elles o da irmã de Olgiato, que deve estar no primeiro plano, á direita do espectador; no fundo o exterior da Igreja, de architectura lombarda, algumas arcadas em perspectiva, representando ao longe o claustro da Igreja. O céu sereno, e pouco estrellado. A scena é esclarecida pela lua. Do lado opposto ao tumulo mencionado haverá um oratorio de pedra, diante do qual estará uma lampada accesa, suspensa por uma cadeia de ferro.

### SCENA I.

OLGIATO, só (*encostado ao tumulo de sua irmã*).

Eis-me aqui, minha irmã!—Nunca Olgiato  
Esqueceu-se de ti.—Bastantes vezes  
Teem minhas preces lugubres vibrado  
Os ares deste funebre remanso.  
Assaz sobre essa pedra que te cobre  
Tenho vertido lagrimas saudosas...  
Este é o refrigerio de meu peito,  
Triste consolação do malfadado,  
Para quem ja não ha lugar no mundo...  
Ah! corram minhas lagrimas... ah corram

Sobre este frio marmor!— Sobre a campa  
Bem resoam as lagrimas dos vivos...  
Talvez ultimas sejam!— Si eu pudesse  
Aqui ficar, como uma dura estatua,  
Debruçado sobre esta sepultura,  
Em pedra convertido!— Mas do mundo  
A voz inda me chama;— e o teu cadaver,  
Querida irmã, p'ra o mundo me repelle.  
Eu irei, sim, irei, ao teu mandado,  
E nem heide voltar sem ter cumprido  
O horrendo sacrificio... O punhal tincto,  
E gotejando o sangue ainda quente  
Daquelle algoz da tua honra e vida  
Heide trazer aqui:— heide com elle  
Marcar o dia da vingança tua  
Juncto ao teu epitaphio; e p'ra memoria  
Como um tropheo craval-o nesta pedra.  
Não, não me has de escapar; eu te prometto,  
Ou heide aqui ficar eternamente,  
Como estes que da morte o somno dormem,  
Livres do teu furor, livres do mundo. (*Depois de um  
momento de pausa*).  
Mas ah! nem mesmo a ideia da vingança,  
Que de minha alma o ardor refrigerava,  
Pode agora acalmar o meu tormento.  
Esta afflicção interna, este martirio,  
Esta angustia mortal que me suffoca,



E me faz odiar o mundo e a vida,  
Como se hade extinguir?—Posso vingar-me,  
Mas da vingança é breve o regozijo,  
E a pós no coração renasce a mágoa,  
E a lembrança da offensa nunca morre.  
Oh monstro ! tu não tens bastante sangue  
Para nelle affogar as minhas iras.  
Eu quizera, rompendo as tuas veias,  
Que o teu sangue jorrasse como um rio,  
P'ra lavar de Milão o pavimento,  
Que por teus pés infames foi calcado.  
Quizera retalhar em mil pedaços  
Esse teu corpo, a Satanaz vendido,  
E com elles dar pasto aos cães errantes.  
Mil vidas que tivesses, si as perdêras  
Na ponta de um punhal, uma após outra  
Entre mil agonias, e mil vascas,  
Nem assim pagarias teus horrores.  
Não ha tormentos por crueis que sejam  
Que iguaem a teus crimes vergonhosos :  
Não ha castigo que soffrer tu possas,  
Que outros por ordem tua não soffressem :  
P'ra ti o inferno todo inda não basta;  
Infame matricida, vil devasso,  
Nasceste p'ra carrasco, não p'ra Duque.  
Grande Deos ! onde está tua justiça ?  
Onde está tua sabia providencia ?

Teu amor e bondade em que consistem ?  
Porque geras os máos?—ou si os não geras,  
Porque consentes qu'elles nos dominem,  
Que elles sejam dos bons o atroz flagello ?  
Terás feixado os olhos a este mundo,  
Tão pejado de horrores, que parece  
Um inferno, onde Lucifer só reina?  
Não te accendem as iras tantos crimes ?!  
Teus raios onde estão, que os não dardejas  
Sobre a cabeça do impio ousado e louco  
Que as tuas sanctas leis profana e pisa ?  
Oh meu Deos! oh meu Deos! será possivel  
Que viva, e mando tenha sobre os homens  
Um monstro, que te insulta, quebrantando  
Teus mandamentos todos, sem que a terra  
Se abra para tragal-o, mesmo quando  
Elle curvado aos pés dos teus Altares  
Te pede que o protejas, e o defendas?..  
Fôra melhor que a terra não fizesses,  
Si p'ra seres tão máos a destinavas...  
Mas... que impiedade é esta?... onde me arrojô?  
Que abysmo em meu furor me estou cavando?..  
Ah!—Póde a Deos interrogar um homem?!.  
Senhor! o teu poder é sem limites,  
Tua bondade immensa, inexgotavel,  
Perdoa o meu delirio, e nem consintas  
Que a esperança e a fé deixem minha alma,

E a blasphemia se abrigue nos meus labios.  
Nada sou, oh meu Deos!—Nada mereço,  
E na minha demencia so te rogo  
Que assaz valor me dês para servir-te,  
Limpendo a terra deste novo Nero.  
Si isto mesmo é um crime, não me attendas,  
Não me attendas, Senhor;—eu só desejo  
Em tudo conformar-me aos teus mandados,  
Inda mesmo que não os comprehenda.  
Quem sabe si o tyranno é o instrumento  
Da vingança do céo, como o verdugo  
E' da humana justiça o confidente!..  
Ah!.. si agora uma voz de entre estas campas  
Surgisse p'ra animar-me, ou dissuadir-me!..  
Si algum presentimento, algum presagio  
Me revelasse agora o meu destino!  
Ceos, que me ouvis! oh lua, que esclareces  
O sepulchral horror deste jasigo!  
Estrellas, que brilhaes no firmamento!  
Oh tumulos! Oh sombras! Oh cyprestes!  
Desta medonha habitação da morte!  
Dai-me um signal, eu vos invoco,—dai-me,  
Eu quero, eu ousó até desafiar-vos!  
Sombra de minha irmã! vem, eu te evoco,  
Vem,—mostra-te a meus olhos... oh!!!... E' ella!..  
*(Treme horrorizado, recua, e depois se enca-*  
*minha para o logar em que se lhe afigura a*  
*sombra, examinando o que seja).*

Que !.. é uma illusão !.. Fui fascinado  
 Pelo clarão da lua entre os cyprestes !...  
 Inda visto não tinha aquella estatua  
 Que alveja co' o luar !... Como enganei-me...  
 Cuidei a sombra ser da irmã querida...  
 Mas por mim não altera a Natureza  
 Suas leis... Ninguém vem,... ninguém me escuta...  
 Só da morte o silencio me responde...  
 O coração palpita... arrepiados  
 Tenho ainda os cabellos... Que frieza  
 Me afrouxa os membros... Minha irmã, recebe  
 Este corpo magoado de vigílias,  
 E de tormentos, sobre tua campa... (*Em quanto  
 diz estes versos com voz cançada, marcha len-  
 tamente para o tumulo, e atira-se sobre elle*).  
 Ah quando acabarei esta viagem !...  
 Ja seu peso se torna insupportavel...  
 Oh ! quanto, minha irmã, por ti padeço !  
 Quanto perco por ti !—Bellá Angelina,  
 Recusei teu amor, e tua dextra,  
 O coração magoei do meu amigo;  
 Entretanto eu te adoro... tu somente  
 E's de minha alma o predilecto encanto.  
 Quanto perdi !... Tu debes odiar-me... (*Tomando  
 repentinamente attitude de quem escuta com es-  
 panto*).

Que!... ouvi um susurro... não me engano,  
Ouço passos... alguém p'ra qui caminha...

## SCENA II.

## OLGIATO E VISCONTI.

VISCONTI (*dentro*).

Olgiato!...

OLGIATO.

Visconti!...

VISCONTI.

Tardei muito?

OLGIATO.

Não.

VISCONTI.

Com quem conversavas?

OLGIATO.

Eu?—Co'os mortos,

Que me hão de ver bem cedo no seu reino.

VISCONTI.

Deixemos essas lugubres ideias.

Onde está Lampugnano?

OLGIATO.

No caminho

Separou-se de mim, p'ra ir á casa

De Montano.

A que fim?

OLGIATO.

P'ra qu'elle venha.

Sua presença aqui é necessaria.

VISCANTI.

Eu inutil a creio. — As cans lhe pesam,  
 E o fazem reflectir como um medroso  
 Em criticos momentos. Na cadeira  
 Sobeja-lhe o vigor para exprimir-se;  
 Mas já p'ra acção lhe falta aquella audacia  
 Que só em peitos juvenis se encontra.  
 Que não venha elle agora dissuadir-nos,  
 Co' os gelados discursos da prudencia.  
 Não nos convem ouvir razoens oppostas  
 Ao nosso firme intento. So nos cumpre  
 Tratar da escolha de acertado meio,  
 Que a efficacia da empreza não destrua.  
 E como ja seu animo definha,  
 Ou co' o pendor da idade, ou co' o perigo,  
 Que enorme se lhe antolha, assás receio  
 Que a sua froxidão nos contagie.  
 Estou decidido em fim, não me arrependo;  
 Hei-de ir avante, quando mesmo tudo  
 Contra mim se conspire; e si Montano

Vier só p'ra indicar razões contrarias,  
Eu sairei daqui sem dar-lhe ouvidos.

OLGIATO.

Não importa; devemos attendel-o,  
Devemos respeitál-o; é nosso Mestre;  
E si a velhice a intrepidez murchou-lhe,  
Não lhe roubou com tudo o nobre orgulho  
De homem honrado, independente e livre.  
Velhice como a delle é respeitavel!  
Nós somos filhos de uma tal velhice.  
Na corrupção geral, que nos rodeia,  
De quem herdamos a nobreza d'alma?  
O ardente amor da sancta liberdade,  
Que como um fogo gira em nossas veias,  
D'onde nos veio? d'onde?—De seus labios,  
Foram suas lições que nos ergueram  
Da classe desses nobres ociosos,  
Distinctos pelo alarde de seus vicios.  
Sem elle, talvez nós, menos zelosos  
Do pundonor, seguissemos o trilho  
Em que se perdem tantos gentis-homens.  
O insulto que vingar nós desejamos  
Muitos o sollicitam. Não são raros  
Os que feixam os olhos á deshonra,  
Que segue o Duque ao centro dos palacios,  
Onde tantos esposos o recebem

Com prazenteiro rosto e acatamento,  
 Muito se honrando co'a visita sua.  
 Eu não sei sem Montano o que seria,  
 E o que pensára; assim agradecido  
 Confesso o que lhe devo: e não me abato  
 O nome publicando de meu Mestre.

VISCONTI.

Nem creias tu que ingrato eu me envergonhe  
 De confessar o mesmo; oh não! .. Diverso,  
 E mui diverso é isso do que eu disse.

OLGIATO.

Nem eu te expubro.

VISCONTI.

O que te eu disse, e digo  
 E' que tão firme estou no meu projecto,  
 Que não ha forças que voltar me façam.  
 E quando elle se opponha, argumentando  
 Co'a ideia do perigo, nem por isso  
 A' morte fugirei, si ella me espera  
 Como o unico premio deste arrojo.

OLGIATO.

Nem eu... Mas eil-os já.

VISCONTI (*olhando*).

E' só um homem!



OLGIATO.

81

OLGIATO.

Um só!!... Então Montano!...

VISCONTI.

E' Lampugnano!

SCENA III.

OS MESMOS E LAMPUGNANO.

OLGIATO.

Vens só!

LAMPUGNANO.

Não. Ahi vem tambem Montano;

Mas elle com prudencia demorou-se,

P'ra não entrarmos dous ao mesmo tempo,

Que, como inda transitam, poderia

Suspeitar-nos alguém, e até seguir-nos.

VISCONTI.

E' muito receiar...

OLGIATO.

Vou esperal-o. (*sai*).

SCENA IV.

VISCONTI E LAMPUGNANO.

VISCONTI.

Dize-me, Lampugnano, de que fonte

A noticia te veio, que me deste?

ACTO IV.

11

E como sôbe o Duque que Angelina  
Se acha em Milão, em minha com panhia?

LAMPUGNANO.

Cório, seu secretario, foi quem hoje  
Em conversa me disse; eu apressei-me  
Em prevenir-te logo; o resto ignoro;  
Mas difíceis não são as conjecturas:  
Naturalmente algum de seus espias,  
O seu mouro talvez sôbe, e contou-lhe.

VISCONTI.

Esse mouro !... Inda eu heide baptisal-o,  
Mas hade ser com sangue d'elle mesmo:  
Esse mouro escudeiro do tyranno  
Tem a muitos christãos tirado a vida.

LAMPUGNANO.

Eis Montano.

SCENA V.

LAMPUGNANO, VISCONTI, MONTANO,  
E OLGIATO.

MONTANO (*cómo quem continua a conversar*).

Ora pois, Deos não permitta  
Que seja este logar um máo presagio.  
Conspirar contra os vivos entre mortos!..

OLGIATO.

Entre mortos,—mas victimas do monstro!  
Ali 'stá minha irmã!..

VSCONTI.

E vós, oh Mestre,  
Prestaes fé a presagios?

MONTANO.

Os Romanos  
Mais sabios do que nós acreditavam.

VISCONTI.

E vós?

MONTANO.

Eu sou christão.

VISCONTI.

Tambem nós somos.  
Deixemos os augurios, e os Romanos.

OLGIATO.

Amigos, estes mortos nos escutam!  
Deos nos vê, elle seja nosso guia;  
E de nós o temor afugentemos.  
Mestre, vós já sabeis que justa causa  
Neste logar nos une. Só se trata  
De vingar a justiça, e dar ao mundo  
Novo exemplo de amor da liberdade!  
Nossa missão é esta. E quando temos

A justiça e a razão do nosso lado,  
Temos a força;—e Deos será connosco.

MONTANO.

E ja tendes previsto as consequencias?

OLGIATO E VISCONTI.

Todas.

MONTANO

E não temeis....

OLGIATO E VISCONTI.

Nada tememos,

MONTANO.

Lampugnano ! não fallas?

LAMPUGNANO.

Eu vos oiço ;  
Meu intento gravou-se na minha alma ;  
Acompanhado, ou só, heide cumpril-o.

MONTANO (*com enthusiasmo*).

Eu louvo, e preso vossa nobre audacia.  
Vós me honrais; si eu morrer não faço falta.  
Fiz homens:—cada qual me excede em brios. (*Mu-  
dando de tom*).

Porem... si eu vos disser que Galeazzo  
Sábe que conspirais contra seus dias !... (*Movimen-  
to de attenção da parte de todos*).

Si trahidos estamos...

OLGIATO, VISCONTI E LAMPUGNANO

Nós trahidos!...

OLGIATO.

E por quem?

VISCONTI.

Impossivel!

LAMPUGNANO.

Não importa;

Se isso é certo, empreguemos maior zelo,

Maior actividade. Hoje façamos

O que amanhã talvez seja impossivel.

OLGIATO.

Não percamos o tempo: agora mesmo

Vamos a toda parte procural-o,

Cada qual p'ra seu lado; e morra o infame

Onde estiver.

VISCONTI.

Pois bem. Morra.—Partamos (*Todos, excepto Montano, dão alguns passos para sair*).

MONTANO (*pegando no braço de Visconti*).

E tua irmã!... (*Olgiate e Lampugnano pdram*).

VISCONTI. (*puçando o braço*).

Não me falleis mais n'isso.

Agora minha irmã é só a morte (*continuam a andar*).

Esperai, esperai, quero primeiro  
 Abraçar-vos (*abrindo os braços para abraçar a  
 todos*).

Oh, bravos gentis-homens!  
 Meus amigos! Meus filhos! Meus discipulos!  
 Desculpai-me. Eu só quiz exp'rimentar-vos.  
 Vosso valor, porêm, vossa constancia  
 Agora me confundem. Meus discursos,  
 Minha frieza, tudo foi astucia  
 P'ra melhor conhecer vossa coragem.  
 Posso agora fallar-vos. Quem conspira  
 Deve p'ra morte olhar com rosto firme,  
 Os perigos prever, e desprezal-os:  
 Sobre isso dispensais os meus conselhos.  
 Mas, dizei-me : que plano haveis traçado?

OLGIATO.

Nenhum por ora.

VISCONTI.

Eu creio que devemos  
 Ir ao palacio, e mesmo em audiencia  
 Feril-o.

MONTANO.

E' temerario esse projecto;  
 Ninguem se chega ao Duque, a sua guarda  
 Sem cessar o rodeia

LAMPUGNANO.

Então podemos

No jardim esperal-o: elle costuma  
As vezes passear co'a esposa, e filhos,  
Mal escoltado.

MONTANO.

S'isso for possível

Além da espera, té que o dia chegue,  
Não passáreis de occultos assassinos.

OLGIATO.

Não ; assassinos não ! antes morramos,  
E saiba o mundo todo quem nós somos.  
Um logar procuremos onde o golpe  
Falhar não possa, e seja ao mesmo tempo  
Bem patente, e p'ra nós de grande risco.  
Amanhã vai o Duque a Sancto Estevam  
Com toda a sua côrte, acompanhado  
Do Embaixador de Mântua, e o de Ferrára,  
Como é de uso assistir áquella festa.  
E' boa occasião ; junctos á Pia,  
Podemos aguardal-o ; e n'um momento  
Ao entrar, nós iremos recebel-o  
Nas pontas dos punhaes, entre o tumulto.  
D'est'arte é impossivel qu'elle escape.  
Eu creio que o terror será tão grande,  
Que estupefactos todos, e indecisos

Nos deixarão sair ; então iremos  
 Chamar o povo ás armas, dando vivas  
 A' liberdade : o povo já sem medo  
 Do tyranno, hade á nossa voz seguir-nos.

VISCONTI.

Não escolhamos mais.

MONTANO.

E' nobre e ousado  
 Esse plano ; e depois?

OLGIATO.

Convocaremos  
 O Senado.

MONTANO.

E a Duqueza?

OLGIATO.

O que for justo  
 O Senado fará.

MONTANO.

E seus dous filhos,  
 João, e Hermes?

VISCONTI.

Que morram ! Extinguamos  
 Toda a raça dos Sforzas, todos esses  
 Irmãos de Galeazzo : Luis Mouro,  
 Octaviano, Ascanio, e o Duque Bari.



OLGIATO.

Esses sim ; mas os filhos!... innocentes  
Creancinhas! que mal fizeram elles?

VISCONTI.

Tambem Deos castigou a raça humana  
Pelo crime do pai, do homem primeiro.  
O peccado de Adam, peccado é nosso.

OLGIATO.

Pois que nunca governem, mas que vivam,  
P'ra que a infamia do pai sobre elles pese.  
Longe de nós a barbara vingança,  
E a sêde de matar. Ah! não manchemos  
Co'o sangue da innocencia a nossa gloria.

LAMPEGNANO.

Assim seja!

VISCONTI.

Pois bem ; morra o tyranno,  
E dos mais não tratemos.

MONTANO.

Meus amigos,

Nós temos decidido sobre a terra,  
Mas ha no céo quem mais que nós decide ;  
Invoquemos seu nome, e seu soccorro :  
Digne-se elle approvar o nosso intento ;  
Tudo com Deos ; Deos seja o nosso guia.

OLGIATO (*pondo um joelho em terra defronte do Oratorio de pedra, os mais fazem o mesmo.*)

Oh Sancto, protector desta Cidade,  
Do povo Milanez guarda e esperança,  
Nosso concidadão, oh grande Ambrosio,  
Si o nosso intento de expelir p'ra longe  
A impureza, o crime, e a tyrannia  
A tua approvação merece, roga  
A Deos por nós, que vamos corajosos  
A patria libertar...

TODOS. (*levant ando-se*).

Assim Deos queira. (*Querendo retirar-se, cde a lampada no chão; pdram todos com signal de horror*).

OLGIATO.

Que presagio fatal!...

MONTANO.

P'ra o Duque.

VISCONTI.

Vamos.

FIM DO QUARTO ACTO.

## ACTO QUINTO.

Vista de uma sala ricamente adornada, pertencente ao consistorio da Basilica de S. Estevam, habitação de Arcipreste: largas janellas no fundo com vidros de variadas cores; portas lateraes, devendo a da entrada, no lado esquerdo do espectador, ser de madeira, que possa cair com estrondo. — Ao levantar o panno, Olgiato, com Angelina pela mão direita, recebe com o braço esquerdo o abraço de Montano. Em quanto este falla, Visconti e Lampugnano tambem alegremente se abraçam, com as mãos dadas vão depois lentamente para a janella, onde fingem conversar.

### SCENA I.

MONTANO, OLGIATO, ANGELINA, VISCONTI,  
E LAMPUGNANO.

#### MONTANO.

Une teu peito ao meu;— sente, Olgiato,  
Como meu velho coração palpita  
Com vigor juvenil, cheio de gosto!  
E' por ti, é por ti qu'elle assim bate! (*voltando-se  
para Angelina*).  
Senhora, permittí, que hoje meus labios  
Da esposa de um amigo a dextra rossem. (*Indo beijar-lhe a mão, Angelina immediatamente abaixa a cabeça, e beija a de Montano, que procura arredal-a*).

ANGELINA.

Respeitavel Montano, a vossa, a vossa.

MONTANO.

O céo vos abençõe. (*aperta a mão de Angelina contra o peito*).VISCONTI (*no fundo*).

Não reparas

Que o povo se retira!

LAMPUGNANO.

Eu vou á Igreja

Fallar com o Arcipreste; talvez haja  
Alguma novidade.OLGIATO (*voltando a cabeça*).

Não. E' sedo

O Duque vem mais tarde.

MONTANO.

Eu vou á Missa.

OLGIATO.

Nós já ouvimos uma, e como o frio

Nos fazia tremer, o Arcipreste

Nosso amigo, que via-nos gelados,

Nos trouxe para aqui, onde esperamos.

MONTANO.

Amigos, eu já volto.

LAMPUGNANO.

Eu tambem desço. (*saem ambos*).

## SCENA II.

OLGIATO, ANGELINA E VISCONTI.

VISCONTI.

Posso agora morrer! — Minha Angelina,  
Eu dei-te um protector, dei-te um esposo  
Digno de teu affecto, e de teu sangue.  
Elle achará em ti todas as graças  
De que é merecedor. Serás senhora  
D'aquelle coração, onde imperava  
Só o amor da Patria, e o da justiça.  
Aquella dextra é tua! — aquella dextra  
Votada á Patria, vai colher os louros  
Que hão de cingir-lhe a fronte neste dia  
Em que has de recebel-o nos teus braços.  
Teu dia nupcial será marcado  
Co'um grande feito em pról da liberdade;  
E quando o anniversario festejares  
D'este dia de gloria, um povo inteiro  
Ha de unir sua voz aos teus accentos,  
E de Olgiato repetir o nome  
Entre mil vivas e festivos hymnos (*para Olgiato*).  
Amigo! meu Irmão! — minha alegria

E' tal que até dissipa o véo sombrio  
 Que o horisonte da vida nos envolve.  
 Já não vejo o perigo; e so a gloria  
 No porvir radiante se me antolha.  
 Já me parece a empreza concluida,  
 O tyranno sem vida, e o povo livre.

## OLGIATO.

Igual prazer me absorve, e me arrebatá!  
 E minha alma anciosa em seus transportes,  
 Até parece não caber no peito.  
 Dentro de mim eu tenho um paraíso,  
 Tenho um céo de prazeres inefaveis!  
 Em torno a mim sorri-se a Natureza!  
 O céo, o sol, o ar, a terra, tudo.  
 Como que agora á voz de Deos se eleva  
 Do cáhos p'ra saudar-me! — oh que ventura!  
 Este dos dias meus é o primeiro!  
 Angelina! meu anjo! minha esposa!  
 Que f'licidade a esta se compara?  
 A teu lado p'ra mim surge a alegria,  
 Que ao tumulo baixou co'a Irmã saudosa.  
 Ondas puras de vida se deslisam  
 Dos teus olhos aos meus, e me restauram  
 O animo quebrado e muribundo:  
 E para maior bem, e maior gloria,  
 O mesmo fogo que meu peito abrasa,

E em longo tempo consumio-me a vida,  
Arde em teu coração em chamma intensa.  
Tua alma como a minha o vicio odeia,  
E contra um vil tyranno se conspira.  
Viverás sem temor; tua virtude,  
Para intacta ficar, não necessita  
Do mundo aos olhos tímida occultar-se ;  
Não, ninguém haverá que te amedronte :  
E p'ra o monstro que vive, é dada o hora  
De ir responder ao tribunal eterno.  
O punhal aqui 'stá ;... e a mesma dextra  
Com que jurei-te amor, hade brandil-o,  
P'ra que teu coração, ermo de susto,  
Palpite juncto ao meu, e alegre viva.

## ANGELINA.

Ah!... meu esposo!... agora á par da gloria  
De ser tua, é que sinto um duro espinho  
Me traspassar o peito. — Antes quizera  
Que não deveses hoje offerecer-me  
Um punhal, e uma dextra ensanguentada ;  
E... Deos sabe o que mais!... Eu não pertendo  
Co'a minha timidez acobardar-te ;  
Mas desde hontem, que o Irmão de ti fallou-me,  
Desde a passada noite, em que cedeste  
Aos votos de Visconti, e aos meus occultos,  
Comecei a temer por tua vida :

Amor é sempre assim; por isso espero  
Que de ti menos digna não me julgues.

OLGIATO (*segurando na mão de Angelina*).

Cara esposa, dissipa esses temores;  
Nós venceremos; — juro por teus olhos.

VISCONTI.

O céu nos hade proteger.

OLGIATO.

De certo.

ANGELINA.

Queira o céu.

OLGIATO.

Por que não! o céu é justo.

ANGELINA.

Com tudo... em sacrificio voluntario,  
De minha vida eu dera a melhor parte,  
Para que se evitasse esse perigo.

OLGIATO.

Qual perigo! — é só gloria!

ANGELINA.

Gloria! e o susto?

VISCONTI.

Não te afflijas, irmã, pensa nos louros,  
E o teu animo de hontem hoje invoca.



ANGELINA.

Hontem não éra esposa!

VISCONTI.

Eras amante,  
E de Olgiato as virtudes te encantavam.

ANGELINA.

Amantes taes como eu prezam a gloria,  
Mas a esposa quer paz.

OLGIATO.

Paz nós teremos,  
Tranquilla, honrosa, quando libertada  
A Patria, da oppressão que nos avilta,  
Formos colher seus saborosos fructos.  
E de mais, poderia eu possuir-te,  
Sem esta tempestade momentanea?  
Tanta ventura a seu furor só devo.  
Deveria o esposo de Angelina  
Ser um homem sem nome, occulto e fraco,  
Que não sôbesse defender co'a espada  
O seu bem, sua esposa, e seu thesouro?  
E que uma alma de fogo não tivesse,  
Onde o incenso de amor perene ardesse,  
Cujo aroma elevasse até as nuvens,  
Hymnos em teu louvor, em honra tua?!

ANGELINA.

Nunca, nunca, isso não. Um nobre orgulho

De meu peito se apossa aos teus accents ;  
 Nem meu temor é tal, qu'eu me degrade  
 A infundir-te n'alma a cobardia.  
 P'ra ser digna de ti devo elevar-me,  
 Bem o sei... mas eu te amo... e digo tudo.

OLGIATO.

Ah que thesouro o céo me ha concedido !  
 Oh Anjo de candura ! oh peito egregio !  
 Que se ha de unir ao meu ! eu te agradeço  
 Tanto amor, e bondade. Na tua alma  
 Ao travez de teus olhos, claramente  
 Vejo o prazer mesclado de agonia,  
 Como uma nuvem palida que gira  
 Em torno do planeta fulgurante.  
 Mas a um grito de gloria, que não tarda,  
 Fugirá essa nuvem momentanea,  
 Como ao raiar da aurora os olhos se abrem,  
 E os vapores do sonho se dissipam (*Ouve-se tropel  
 na escada*).

SCENA III.

OS MESMOS E LAMPUGNANO.

LAMPUGNANO (*com furor*).

Oh desesperação !

ANGELINA (*assustando-se*).

Meu Deos !

OLGIATO.

99

VISCONTI.

Que é isso?

OLGIATO.

Que ha de novo?

LAMPUGNANO.

Ah tyranno! Inda este dia!

OLGIATO.

O que fez?

VISCONTI.

Algum crime?

LAMPUGNANO.

Antes mil crimes

Por despedida ao mundo elle fizesse,

Mas não nos escapasse. Dos seus crimes

O maior para mim é a existencia.

OLGIATO

Como assim?

LAMPUGNANO.

Nossa empreza está burlada.

OLGIATO E VISCONTI.

Burlada!...

OLGIATO.

Então por que?

LAMPUGNANO.

Não vem o Duque.

OLGIATO.

VISCONTI.

Não vem?

OLGIATO.

Não pode ser.

LAMPUGNANO.

E' o que digo,

Satanaz o protege.

VISCONTI.

Algum aviso.

LAMPUGNANO.

Só do Inferno.

ANGELINA.

Quem sabe si trahides.

OLGIATO (*para Angelina com rapidez e persuasão*).

Ah! não; não é possível.

LAMPUGNANO.

Não, de certo.

ANGELINA.

Então porque não vem?

OLGIATO.

Talvez qu'elle hontem

Em algum lupanar se demorasse,

E hoje cançado do prazer impuro,

E do excesso de vinhos e iguarias,

Não possa ter-se em pé.

OLGIATO.

101

VISCONTI.

Ha de ser isso.

LAMPUGNANO.

Não sei qual seja a verdadeira causa.  
Acaba de informar-me o Arcipreste,  
Com quem fallei, que esta manhã o Duque  
Mandou chamar o Bispo, p'ra que fosse  
Celebrar na Capella do Palacio.

OLGIATO.

O Bispo foi?

LAMPUGNANO.

Não sei; mas é provavel.  
Ja ninguem mais espera pelo Duque.

OLGIATO.

Será crível que o céo guarde seus dias?!

SCENA IV.

OS MESMOS E MONTANO.

MONTANO (*alegremente*).

Exultai, exultai! Debalde o Inferno  
Procurou defender o seu amigo:  
Deos o conduz ao altar do sacrificio.

OLGIATO (*transportado de alegria*).

Oh felizmente!

OLGIATO.

VISCONTI.

Então não foi o Bispo?

MONTANO.

Não; razões poderosas o impediram.  
Do palacio chegou um mensageiro,  
E annunciou que o Duque não tardava.  
Esteve alli contando ao Arcipreste  
Que Galeazzo abatido amanhecêra.

OLGIATO.

Não me enganei; a noite foi lasciva!

MONTANO.

Ergueo-se pensativo e taciturno.  
Não se sabe si algum terrivel sonho,  
Cuja recôrdação inda o afflige,  
O somno perturbou-lhe toda a noite.  
Elle porém não diz...

VISCONTI.

Algun presagio!

O coração ás vezes adevinha.

OLGIATO.

Os remorsos talvez...

LAMPUGNANO.

Remorsos! Elle?

Elle que nunca os teve! Alma de lodo

Insensível a tudo! Elle, que zomba  
De tudo quanto os homens mais respeitam!

OLGIATO.

Si remorsos não tem, tem medo ao menos.  
O medo é o abutre dos tyrannos.  
Elle se apraz ao crime, ri-se, e folga,  
Mas do assassino a sombra o amedronta,  
E sua escolta o prova. Estou bem certo  
Que muitas vezes no prazer ardente  
Ha de ao menor estrepido gelar-se.  
Nem os somnos lhe invejo, e seu socego.  
Assim mais pune o medo que o remorso.  
Continuai, o resto?

MONTANO.

Galeazzo

A seu pesar forçado a vir ao templo,  
Foi vestir-se, e tomou sua couraça,  
Com que sempre medroso o peito forra:  
E depois, como si ella o opprimisse,  
Arrancou-a, e lhe poz o pé em cima.

LAMPUGNANO.

Tanto melhor, virá sem armadura.

VISCONTI.

Mais depressa o punhal lhe ha de ir ao peito,  
Sem resistencia, o coração varar-lhe.

Deos decretou-lhe a morte, vós o vedes.

VISCONTI (*para Montano*).

E o que mais ?

MONTANO.

Quiz depois ver seus dous filhos;  
E como si esta vez ultima fosse,  
Quiz faltar os seus olhos em miral-os.  
Abraçou-os mil vezes, e beijou-os:  
E viram mesmo de seus rubros olhos  
Distillar uma lagrima, como essa  
Que o moribundo verte quando expira.

ANGELINA.

Coitado !

MONTANO.

Ambos os filhos assentados  
Sobre os joelhos seus, o afagavam  
Co'um sorriso infantil. Vendo o mais velho  
Correr aquella lagrima, enxugou-a,  
E lhe disse: » Meu Pai, estás chorando !  
Nunca assim nos beijaste » — Nisto o Duque  
Suspirou. (*Angelina enxuga os olhos, e Olgiato  
procura disfarçar a sua commoção*).

LAMPUGNANO.

Não tenhaes delle piedade.  
Muito se tem chorado. Muitas faces



Inundadas de pranto, e maceradas  
 Por causa delle, nunca o abalaram,  
 Nem lhe empeceram o infernal sorriso  
 Da perversa e feroz brutalidade.

ANGELINA.

Oh! porqu'elle é tão máo!...

OLGIATO.

Si assim não fosse

Ao ouvir tal narração me commovêra.  
 Felizmente nenhum de nós tem filhos.  
 Ah si um raio do céo o illuminasse!  
 Si elle aos pés dos altares compungido  
 Perdão a Deos pedisse.

VISCONTI.

Que alma é essa

Que conspira, e lamenta o inimigo!  
 Queres chorar agora?

OLGIATO.

Meu Amigo,

Eu não sou assassino. Só Deos sabe  
 Que grande sacrificio á Patria faço!

LAMPUGNAÑO.

Assassino é o monstro. Nós cumprimos  
 Um sagrado dever.

OLGIATO.

Dever terrivel!...

Mas — cumpra-se. — Jurei, não me arrependo.

MONTANO (*com ironia*).

Não te vas arriscar com tal ternura...

Da convulsiva mão pode cair-te

O pesado punhal no duro trance.

OLGIATO.

Não receíeis, Montano; hei-de mostrar-vos

Que de vós recebi lições de esgrima:

E si a dextra tremer, o que duvido,

De minha irmã a sombra hade ajudal-a.

MONTANO.

Bom será que não falte esse socorro.

OLGIATO.

E si esse me faltar, eu tenho a esposa...

Vejamos o punhal (*tirando o punhal, e fazendo alguns movimentos com ar de riso*)...

Creio que assenta

Na minha dextra um ferro! (*para Angelina, que parece absorvida em um profundo pensamento*).

...Não te assustes...

ANGELINA (*tornando a si como inspirada*)..

Não!—Eu sou tua esposa! (*Levando repentinamente a mão ao punhal que Olgiato empunha, sem com tudo o tirar: movimento de susto da parte de todos*).

OLGIATO (*recuando a mão*).

O que pertendes?

ANGELINA.

Cede-me esse punhal por um momento,

Eu quero só beijal-o, e ja t'ó entrego...

Que podes receiar?

OLGIATO (*entregando o ferro, e acompanhando todos os seus movimentos com os olhos*).

Eil-o.

ANGELINA.

Este ferro

Vai restaurar a antiga liberdade!

Olgiato! Sou eu... a tua esposa,

A patria, a tua irmã, que neste instante

Te armam com elle a dextra (*entrega o punhal*).

MONTANO.

Oh heroína!

VISCONTI (*abraçando Angelina*).

Es minha irmã!

OLGIATO (*em transporte de alegria*).

Es minha esposa!... Esta arma  
Commigo voltará mais saptisfeita,

E ensanguentada ficará p'ra sempre. (*Como inspirado*).

Dia da liberdade, eu te saúdo.

Oh sol, não volverás ao teu occáso

Sem que um grito de gloria a ti se eleve!

Espalha tua luz sobre esta terra

Tão fertil em heroes em todo o tempo.

Si ha Neros entre nós, tambem ha brutos!

Oh bello céo da Italia! tu que ouviste

De um povo inteiro os funebres suspiros;

Tu que viste do fero Barba-roxa

A espada rutilar como um cometa

Em torno de Milão, de guerra e fome

Moribundo, e afogado em proprio sangue:

Tu que viste estes muros arrasados,

Esta cidade em combros de ruínas,

E sobre elles carpindo-se as viúvas

Dos filhos procurar os brancos ossos:

Tu que viste, e inda ves tantos horrores,

Hoje comnosco exulta de alegria!

Ah cobre-te de gala, e te prepara

Para ouvir nossos hymnos de victoria.

E vós, supremo Deos, a cujo impulso

Obedecem os mundos; vós que tendes

Em vossas mãos a sorte dos imperios;

Vede si um sancto fogo nos abrasa,

Si é justo nosso horror á tyrannia,

E vigorai, senhor, os nossos braços.  
 Treme, treme, Galeazzo, entre teus guardas,  
 Dize um adeos á vida, e vem, infame!  
 Pela ultima vez manchar o Templo;  
 Has de beijar-lhe a porta,—porem morto.  
 Tremei, escravos, que escoltais o monstro,  
 Apontai vossas duras alabardas;  
 Dentro de vosso circulo de ferro  
 Hade a morte cair por nós mandada,  
 E co' sangue do tigre salpicar-vos. *(ouve-se o toque  
 do sino, e sons de trombeta, que annunciam a  
 chegada do Duque).*

VISCONTI.

Eis o signal!...

LAMPUGNANO.

O Duque!...

OLGIATO.

Eia!... partamos,  
 Sem demora... Um braço *(para Angelina, que co-  
 bre os olhos com uma mão, e com a outra abraça  
 a Olgiato, que faz o mesmo).*

ANGELINA.

Adeos!...

VISCONTI.

Montano,

Ficai com Angelina;... consolai-a...

OLGIATO.

OLGIATO.

Sim, ficai... Até já.

LAMPUGNANO.

Longe a tristeza. (*caminham todos para a porta*).

TODOS.

Adeos!...

MONTANO.

Ide com Deos, voltaí com elle!...

**SCENA V.**

## ANGELINA E MONTANO.

ANGELINA (*olhando para a porta*).Ah!... (*enxuga os olhos*).

MONTANO.

Senhora, escutai;... vinde assentar-vos.

ANGELINA.

Que momento cruel para uma esposa! (*dando alguns passos para a scena*).

MONTANO.

Maior depois será vossa alegria.

ANGELINA.

Aquelles sons vibraram na minha alma,

E me encheram de horror até os ossos.

MONTANO.

Nada mais natural; eu que sou homem  
Pelo rigor dos annos enrijado,  
Um abalo senti naquelle instante.  
O prazer tambem causa igual effeito...  
Mas desconçai, sentai-vos.

ANGELINA.

Náo; eu quero

Ver tudo da janella.

MONTANO.

Eu não consinto,

Conversemos...

ANGELINA.

Não sei, sinto uma angustia  
Que me entrecorta a voz... nem fallar posso.

MONTANO (*com emphasi*).

Vosso valor será cantado um dia!

ANGELINA.

Que valor!... ja não tenho... tremo toda.

MONTANO.

Reposai... (*um rumor surdo da parte de fora que  
crescerá pouco a pouco*).

OLGIATO.

ANGELINA.

Não ouvís?...

MONTANO.

O que?...

ANGELINA.

Os vivas!...

Vivas a Galeazzo!...

MONTANO.

Isso que importa?

O povo juncto só diz viva, ou morra ;  
Morra—logo dirá.

ANGELINA.

O rumor cresce.

FÓRA (*muitas vozes*).

Traição... traição...

ANGELINA.

Traição!...

FÓRA.

Morreo!... Mataram!

MONTANO.

Ouvís?... Morreo o Duque.

FARA.

Morra!... morra!...

ANGELINA (*com anciedade*).

E agora... para quem serão taes gritos?



MONTANO.

Para o Duque.

ANGELINA (*inquieta*).

Não, não... s'elle está morto,

Como inda gritam — morra!...

MONTANO.

Sempre o povo

Dá vivas a quem vive, e morra ao morto.

ANGELINA (*correndo para a janella do fundo*).

Vós me illudis. Deixai-me; quero ir vel-os;

Quero ao povo lançar-me...

MONTANO (*impedindo-a*).

Que loucura!

Retende-vos, Senhora!

ANGELINA (*ja na janella, olhando para a rua*).

Não!... Deixai-me.

Quero ir morrer com elles... Ah! não vedes

Que jogam com pedaços de um cadaver?!...

MONTANO.

E' o Duque...

ANGELINA (*na maior desesperação*).

Não é.... E' Lampugnano!..

Vede... vede a cabeça!..

MONTANO.

Si elles vivem...

ANGELINA (*fazendo esforços para sair, Montano a sustem pelo braço*).

Pois eu quero abraçal-os...

MONTANO (*tropel na escada*).

Eil-os todos!..

ANGELINA.

Onde estão?

MONTANO.

Não ouvís passos na escada?

**SCENA VI.**

OS MESMOS, E VISCONTI (*que entra ferido mortalmente*).

ANGELINA (*recebendo Visconti nos braços*).

Ah! meu Irmão... Ferido!... E meu esposo!...  
Onde está? Já não vive?.. Irmão, não fallas?

MONTANO (*segurando em Visconti*).

Visconti!

VISCONTI (*caindo*).

Adeos!... Eu morro...

ANGELINA (*estática de horror*).

Ah!

MONTANO.

Dia infausto!

OS MESMOS, E OLGIATO (*que entra precipitadamente, com o punhal na mão ensanguentado*).

OLGIATO (*com um riso feroz*).

O tyranno morreo... Eis o seu sangue.  
Céos! que vejo! Visconti! Meu amigo!  
Morto! Oh Deos! Oh desgraça!.. Minha esposa!..  
Gelada! (*Angelina, que até alli estava em pé horrorisada, olhando para Visconti com os braços erguidos, e estatica, cai nos braços de Olgiato*).

MONTANO (*corre, e feixa a porta; grande tropel na escada*).

Que rumor!... Eil-os... (*a porta cai sobre a scena, entra a soldadesca*).

OLGIATO.

Tyrannos!

MONTANO.

Nascemos p'ra morrer; morramos todos;  
Dâ-me a esposa; defende-te. (*tira-lhe Angelina dos braços*).

OLGIATO (*rodeado da multidão*).

Sicarios!

Escravos! Eis-me aqui ... em vossas garras.  
Morre quem vos quiz dar a liberdade.

*(A soldadesca e o povo).*

Ao cadafalso! ao cadafalso!

OLGIATO *(ja de rastos).*

Vamos!

A morte é dura! mas a gloria eterna.

Angelina!.. *(Montano cai com um joelho em terra.*

*Angelina, que está em seus braços, fica com a cabeça apoiada sobre o joelho levantado, e o resto do corpo no chão).*

MONTANO.

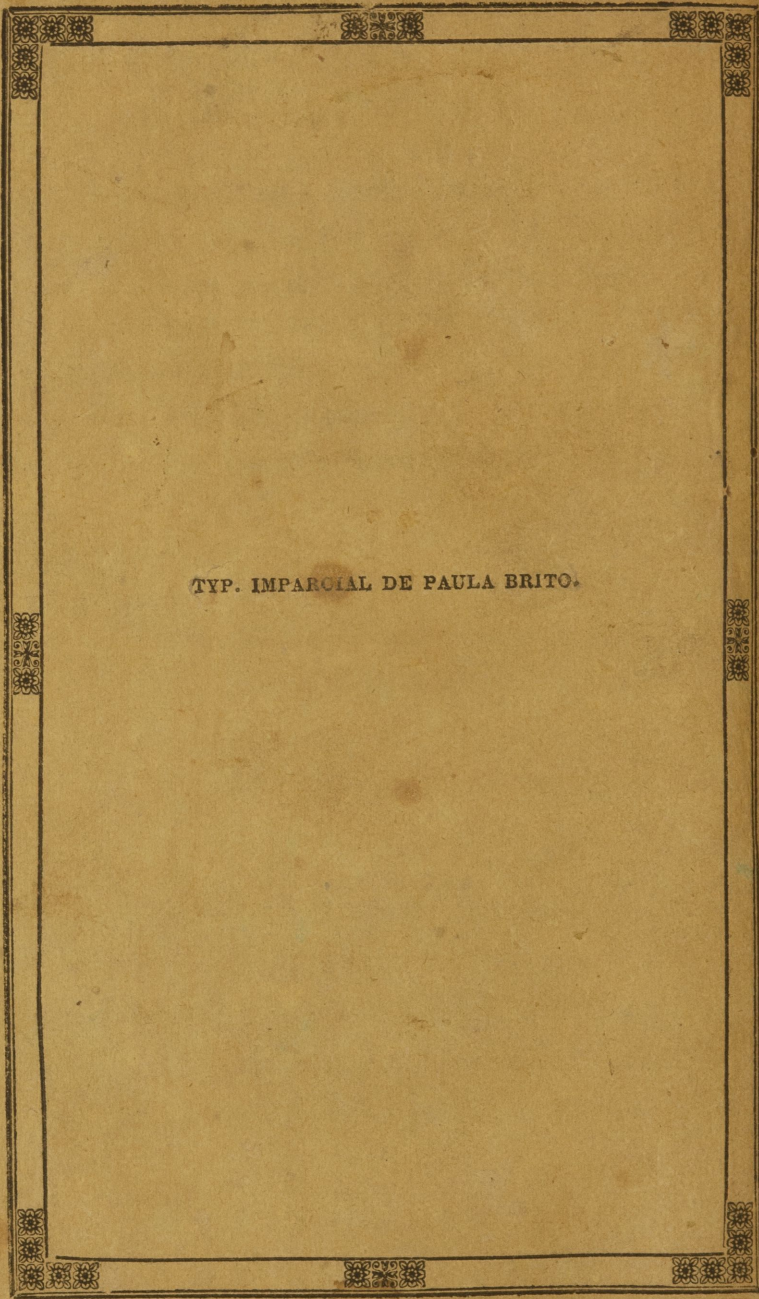
Oh meu Deos!... Misericordia!

FIM.

A lista dos Srs. subscriptores irá em outro volume.

88047

B.



TYP. IMPARCIAL DE PAULA BRITO.

